



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS EDUCATIVAS DO DOURO

Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino 1º Ciclo do Ensino Básico

A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS NA PLANIFICAÇÃO

Carina Sofia Pinto Teixeira

Prof. Doutora Rita Alexandra Bettencourt Leal

Mestre Cláudia Isabel Guerreiro de Oliveira

PENAFIEL

2015



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS EDUCATIVAS DO DOURO

Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino 1º Ciclo do Ensino Básico

A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS NA PLANIFICAÇÃO

Relatório Final apresentado ao Instituto Superior de Ciências Educativas do Douro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-escolar e Ensino 1º Ciclo do Ensino Básico, realizada sob a orientação científica da Doutora Rita Leal, Professora Adjunta do Instituto Superior de Ciências Educativas do Douro.

Dedico este trabalho à minha adorada mãe, ao meu querido pai e ao meu amado irmão que caminharam comigo ao longo desta caminhada, oferecendo-me sempre muito apoio, carinho e compreensão.

agradecimentos

Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós.

Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.

Antoine de Saint-Exupéry

Para a elaboração deste trabalho foi necessária a ajuda direta ou indireta de um grupo de pessoas e instituições a quem gostaria de manifestar o meu sincero agradecimento:

Ao ISCE por permitir que este curso se tornasse uma realidade.

À Professora Doutora Rita Alexandra Bettencourt Leal, orientadora, e à Mestre Cláudia Oliveira, coorientadora deste relatório, pelo seu encorajamento e espírito crítico, pois sem elas as minhas lacunas teriam sido mais evidentes.

Aos professores que me acompanharam durante todo o percurso académico. Com eles aprendi imenso.

Às crianças da sala A, por todas as aprendizagens que me ofereceram.

À instituição que me recebeu como estagiária e às Educadoras Filomena Camoesas, Ondina Carneiro e Emília Campos, por todo o carinho e motivação.

À minha entidade patronal, Fernando Joaquim Teixeira Monteiro por todo o apoio e disponibilidade demonstrada.

Aos meus amigos que sempre me ajudaram a superar os obstáculos no decorrer desta etapa, especialmente, à Marta Miranda, Luciana Monteiro e Cláudia Quintela. E não podia deixar de mencionar a Carla Teixeira como um pilar essencial nesta etapa.

E, essencialmente, ao meu adorado avô, Armando Pinto, que sempre me apoiou e que partiu sem ver uma etapa da minha vida terminada. Porém, creio que, onde quer que esteja, um dia vai poder ver-me brilhar.

palavras-chave:

Educação Pré-Escolar, Papel da criança, Papel do educador, Planificação.

resumo:

Esta investigação apresenta como interesse primordial o dar voz à criança no momento de planificar o trabalho por si a desenvolver, defendendo-se a visão de que a criança tem de ser ouvida e é uma peça fundamental neste processo (Silva, 1997). Assim, recorrendo a um paradigma qualitativo, e partindo do conceito de investigar sobre a própria prática (Ponte, 2002), pretende-se (i) compreender o papel da criança no processo de planificação; (ii) identificar estratégias de envolvimento das crianças no processo de planificar e (iii) refletir sobre o envolvimento das crianças no processo de planificação e sua relevância para o seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

A presente investigação decorreu em duas fases, sendo que a fase I incidiu na construção de nove planificações com um grupo de cinco crianças em idade Pré-Escolar e a fase II numa reflexão sobre os contributos da participação ativa das crianças na planificação no seu processo de aprendizagem e desenvolvimento. Como técnica de recolha de dados selecionou-se a observação participante e a análise documento, procedendo-se, posteriormente, a uma análise qualitativa descritiva dos resultados obtidos.

Os resultados obtidos na presente investigação evidenciam a necessidade de incentivar as crianças a participar no processo de planificação, fazendo as suas próprias escolhas, e, assim, desenvolvendo competências ao nível da sua autonomia e capacidade de resolução de problemas. Verificou-se, ao longo de todo o processo, que houve um grande envolvimento das crianças participantes no processo de planificação, registando-se, um aumento significativo da sua motivação e eficácia no desenvolvimento das atividades por si planeadas, assim como no relacionamento interpessoal entre pares e com o adulto. É através da “*aprendizagem pela acção*” que “as crianças pequenas constroem o conhecimento que as ajuda a dar sentido ao mundo” (Hohmann & Weikart, 2004: 5)

key - words:

Preschool Education, Role of the child, the educator and Planning Paper .

abstract

This research presents primary interest to give voice to the child at the time of planning the work for you to develop , defending the view that the child has to be heard and is a key player in this process (Silva, 1997). Thus, using a qualitative paradigm , and based on the concept of research on the practice itself (Ponte , 2002) , we intend to (i) understand the role of children in the planning process ; (ii) identify children's involvement strategies in the planning process and (iii) reflect on the involvement of children in the process of planning and its relevance to the process of development and

This research took place in two phases, with Phase I focused on the construction of nine lesson plans with a group of five children age Preschool and phase II to reflect on the contributions of the active participation of children in planning in the process of learning and development. As data collection technique was selected participant observation and document analysis, proceeding up later to a descriptive qualitative analysis the results obtained

The results of this research show the need to encourage children to participate in the planning process, making their own choices, and thus developing skills in the autonomy and problem solving ability. It is,

throughout the process, there was a great involvement of children participating in the planning process, registering significant increase motivation and efficiency in the development of planned activities by themselves, and the interpersonal relationship between peers and adults.

It is through "learning by doing "that" small children construct knowledge that helps them make sense of the world" (Hohmann & Weikart, 2004: 5).

Índice Geral

agradecimentos	VII
palavras-chave:	IX
resumo:	IX
key - words:	XI
abstract	XI
índice geral	XII
índice de quadros	XIV
índice de figuras	XIV
Siglas e abreviaturas	XVI
Introdução	18
Parte I - Enquadramento Teórico	22
1. Contextualização da área temática	24
2. Planificação	26
2.1. Papel do adulto	29
2.2. Papel da criança	29
3. Modelos Pedagógicos e o processo de planificação	30
3.1. Modelo Movimento Escola Moderna	31
3.2. Modelo Reggio Emilia	32
3.3. Contributos das metodologias participativas	33
Parte II – Estudo Empírico	35
4. Opções metodológicas	37
5. Questão de investigação e objetivos	37
6. Caracterização do contexto institucional	37
6.1 Caracterização dos participantes do estudo	38
7. Fases da investigação: Procedimentos metodológicos e técnicas de recolha de dados	38
7.1. Observação participante	39
7.2. Análise documental	39
8. Tratamento e análise da informação recolhida	41
9. Apresentação, análise e discussão dos resultados obtidos	41
10. Reflexão final	60
Referências bibliográficas	62
Apêndices	66
Apêndice 1- Registos dos diálogos com as crianças	68
Apêndice 2- Planificação da investigadora	112
Apêndice 3 – Planificações realizadas pelas crianças	118

Apêndice 4 – Registos de aprendizagem	128
Apêndice 5 – Grelha de observação da participação.....	136
Apêndice 6 – Reflexões da Prática Pedagógica	140

Índice de quadros

Quadro 1 – Calendarização das planificações.	43
---	----

Índice de figuras

Figura 1 – Apresentação da televisão às crianças.	43
Figura 2 - Construção dos corações (boas ações).	44
Figura 3 - Construção da planificação.	45
Figura 4 - Elaboração da castanha.	45
Figura 5 - Registo do material necessário para a atividade.	46
Figura 6 - Construção das personagens da lenda de S. Martinho.	47
Figura 7 - Registo de "Como ficou".	47
Figura 8 - Resultado final das personagens da lenda.	47
Figura 9 - Registo da planificação.	48
Figura 10 - Construção da lagarta dos números.	49
Figura 11 - Registo da divisão das imagens da lenda.	49
Figura 12 - Preparação para a narração da lenda à comunidade da instituição.	50
Figura 13 - Oferta das boas-ações aos pares.	50
Figura 14 - Construção da planificação.	51
Figura 15 - Registo ilustrado da Lenda de S. Martinho.	51
Figura 16 - Registo ilustrado dos soldados.	52
Figura 17 - Resultado final da ilustração dos soldados.	52
Figura 18 - Registo da ilustração do magusto.	53
Figura 19 - Construção da planificação.	53
Figura 21 - Trabalho de grupo em mesa redonda.	53
Figura 20 - Registo de divisão de tarefas.	54
Figura 22 - Visita à feira de outono do 1.º CEB.	54
Figura 23 - Recorte do molde do pinheiro em cartão.	55
Figura 24 - Pintura do cartão pelas crianças.	55
Figura 25 - Pintura do bidão.	56
Figura 26 - Registo da avaliação das atividades realizadas e não realizadas.	56
Figura 27 - Registo de divisão de tarefas.	56
Figura 28 - Construção dos adornos para o pinheiro.	57
Figura 29 - Resultado final do pinheiro de Natal.	57

Siglas e abreviaturas

CEB – **C**iclo do **E**nsino **B**ásico

ME – **M**inistério da **E**ducação

MEM – **M**ovimento da **E**scola **M**oderna

NEE – **N**ecessidades **E**ducativas **E**speciais

OCEPE – **O**rientações **C**urriculares para a **E**ducação **P**ré-**E**scolar

PA – **P**lano **A**nuar

PCE – **P**rojeto **C**urricular de **E**scola

PCG – **P**rojeto **C**urricular de **G**ruppo

PEE – **P**rojeto **E**ducativo de **E**scolas

Introdução

Para a finalização do Mestrado em Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB) surge a necessidade de construir um relatório de prática pedagógica que apresente de forma reflexiva o trabalho desenvolvido na prática pedagógica na Educação de Infância subjacente a uma problemática: A participação das crianças no processo de planificação.

Que tipo de estratégias educativas se pode implementar na Educação Pré-Escolar de forma a para potenciar a participação das crianças na planificação do trabalho a desenvolver? *Que contributos traz a participação ativa das crianças na planificação no seu processo de aprendizagem?*

Os objetivos da investigação visam (i) compreender o papel da criança no processo de planificação, (ii) identificar estratégias de envolvimento das crianças no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem e (iii) refletir sobre o envolvimento das crianças no processo de planificação das experiências educativas desenvolvidas. Assim, as atividades negociadas partiram sempre das crianças para que elas pudessem seguir as suas próprias interações, promovendo uma aprendizagem experiencial cooperativa

As motivações que determinaram o desenvolvimento do estágio assentaram na necessidade de incentivar as crianças a expressarem os seus desejos e a respeitarem os interesses do grupo. Como afirma Cardoso (2010: 4) “as pedagogias participativas encaram a criança como ativa, consciencializada do seu próprio poder (...) a capacidade dos indivíduos agir independentemente e fazer as próprias escolhas” e “os próprios adultos reconhecem a importância e a necessidade de atender ao que as crianças pretendem” (Sarmiento & Marques, 2006: 63) uma vez que é “Através da *aprendizagem pela acção*” que “as crianças pequenas constroem o conhecimento que as ajuda a dar sentido ao mundo” (Hohmann & Weikart, 2004: 5)

Além disso, outro aspeto que justifica a pertinência deste estudo recai sobre a motivação de cariz pessoal. Pois, após o contacto durante vários anos em Jardins-de-Infância, sabe-se que planificar com as crianças nunca foi devidamente explorada em contexto de sala de atividades, tornando as atividades metódicas e menos dinâmicas. Portanto, acredita-se que a criança deve ser um sujeito ativo e protagonista da ação, de forma a promover nestes valores, tais como, a autonomia, a responsabilidade, e a

interiorização de direitos e deveres. Desta forma, a criança é estimulada para que se compreenda como um ser democrático na sociedade.

Assim, o educador deve dar voz ativa à criança estimulando-a para uma participação ativa e fazer com que esta demonstre os seus saberes/conhecimentos. O educador não é apenas um transmissor de conhecimentos científicos, na medida em que tem também a função e o dever de transmitir à criança o facto de esta possuir um papel importante nas atividades a desenvolver em grupo colmatando a sua curiosidade, aumentando a sua autoestima, motivação, capacidade de decisão, espírito de iniciativa e criatividade. (Hohmann & Weikart, 2004: 271)

A investigação realizou-se no ano letivo 2014/2015, num Jardim de Infância do Agrupamento de Escolas do Marco de Canaveses N.º1 na sala A, com a Educadora cooperante e com uma amostra de 5 crianças do grupo de 5 e 6 anos de idade.

Para atingir os objetivos procedeu-se ao desenvolvimento de um estudo inserido no paradigma qualitativo, pois, assim, permite-nos perceber o fenómeno que está a se estudado, analisando o sujeito em estudo e todas as suas especificidades (Bogdan & Biklen, 1994); a partir do conceito de investigar a própria prática de Ponte (2004). Quanto às técnicas de recolha de dados, foram utilizadas a observação participante os registos fotográficos e, por último, os registos escritos para a análise documental, visto que, de acordo com Estrela (1994), estes permitem ao investigador estar mais consciente sobre as situações de aprendizagem e também mais consciente sobre si próprio nessas situações.

Com efeito, este relatório divide-se duas partes fundamentais: o enquadramento teórico e o estudo empírico. A primeira parte é composta pelo enquadramento da área temática, contextualização da área temática, planificação e modelos pedagógicos que suportam esta temática. Já a segunda parte é constituída pela questão de investigação e objetivos, caracterização do contexto institucional, procedimentos metodológicos e técnicas de recolha de dados, tratamento e análise de dados e reflexões finais.

No primeiro capítulo, far-se-á referência à área temática, designadamente, a contextualização, explicando a importância da participação das crianças na planificação fundamentada através de vários autores. Deste modo, desmistificar-se-á o conceito “Planificar”, os vários tipos de planificação, assim como a sua importância no quotidiano do Educador e das crianças. Para além disto, ainda se fará referência aos modelos pedagógicos, expondo as diferenças metodológicas da participação/ausência

das crianças no processo de planificar, evidenciando o papel do educador/criança e os efeitos que este método desencadeia nas crianças.

Na segunda parte, o primeiro capítulo dirá respeito às metodologias escolhidas e a caracterização do contexto institucional e da amostra. Mostrar-se-á a descrição dos procedimentos e técnicas de recolha de dados.

Seguir-se-á o segundo capítulo com a apresentação à definição da pergunta de partida, cuja pertinência recai sobre a participação das crianças na planificação e traçar-se-ão os objetivos subjacentes à questão de investigação. Através da questão de partida e dos objetivos delineados para esta investigação assenta todo o interesse de estudo e é através destes que se verifica a fidedignidade das estratégias de intervenção.

O terceiro capítulo incide sobre a caracterização da instituição e dos participantes da investigação.

O quarto capítulo debruçar-se-á nos procedimentos metodológicos e técnicas de recolha de dados.

No quinto capítulo exibir-se-á o tratamento e análise da informação recolhida.

O sexto capítulo Dirá respeito à apresentação, análise e discussão dos resultados obtidos.

O sétimo capítulo suportará as reflexões finais adquiridas ao longo da realização do trabalho.

Parte I - Enquadramento Teórico

1. Contextualização da área temática

Ao longo dos anos os Jardins-de-Infância têm vindo a assumir um papel extremamente relevante quer no meio escolar quer na sociedade, pois, de acordo com Marchão (2012: 36) esta instituição “deve promover na criança: o desenvolvimento pessoal e social numa perspetiva de educação para a cidadania; o desenvolvimento global individualizado; a socialização e a aprendizagem de atitudes através da relação e compreensão do mundo”.

A criança desde muito cedo deve ser vista como ser capaz de tomar decisões e participar de forma ativa e colaborante nas atividades onde está inserida. O estímulo, aqui é muito importante e o reforço também não menos importante, pois a sociedade tem como modelo crianças a brincar, onde se lhes dá pouca responsabilidade, mas paulatinamente estas características têm de ser enraizadas nas crianças, estas desde muito cedo possuem capacidades de reflexão, gostos pessoais, personalidade própria... portanto devemos usar estas potencialidades na sua tomada de decisão.

Neste seguimento, a Educação Pré-Escolar tem cooperado com as famílias para lhes dar assistência, dado que lhes presta “um conjunto de serviços que, complementares e ou supletivos da ação educativa da família e em estreita articulação com esta, se destinam às crianças com idades compreendidas entre os três anos e a idade de ingresso no ensino básico” (Homem, 2002: 24).

Porém, segundo Homem (2002: 26), a Educação Pré-Escolar começou a assumir um papel essencial na aprendizagem, contudo, nunca se dissociou da sua dupla função: educativa e assistencial, valorizando “a promoção intencionalizada do desenvolvimento global da criança [...], a transmissão/ aprendizagem de determinados conteúdos/ competências [...] e [que] acautelam, em conjunto com o objetivo anterior, o insucesso escolar”.

O Jardim-de-Infância está cada vez mais preparado para dar resposta às exigências das crianças, que são cada vez mais e mais exigentes, levando-as a terem um papel ativo na seleção das atividades e da importância que estas representam para si, o educador tem também de acompanhar esta evolução, caso contrário fica desatualizado e obsoleto.

Com o decorrer dos anos, tal como apontam as Orientações Curriculares Para a Educação Pré-Escolar (OCEPE), começou-se a valorizar a criança, a família e a Educação Pré-Escolar. Por isso, a criança deve ser ativa durante todo o seu percurso educativo, uma vez que ela “já sabe valorizar os seus saberes como fundamentos de

novas aprendizagens” e as famílias devem proporcionar oportunidades de aprendizagem e cooperação porque “estas crianças também se relacionam e interagem diretamente com outras famílias e com outros serviços e instituições da comunidade [...] as relações que estabelecem entre eles têm uma influência na educação da criança” (Ministério da Educação (ME), 1997: 14 e 33).

Atualmente, a criança está no centro do contexto educativo, assim sendo, Oliveira-Formosinho (2011:77) afirma que é necessário o educador criar um “espaço para que a criança se escute a si própria e comunique essa escuta”.

Logo, a escola e os docentes têm-se preocupado com a participação das crianças na prática educativa que vai muito além da reunião diária, no início e no final do dia, sobre as tarefas e atividades desenvolvidas. Sustentando esta ideia, Hohmann e Weikart (2011: 247) afirmaram que “ao fazerem planos diários, ao segui-los e depois ao relembrar aquilo que fizeram, as crianças pequenas aprendem a articular as suas intenções e a refletir sobre as suas ações.” Compreendendo de forma gradual que possuem aptidões para raciocinar, decidirem e ultrapassar obstáculos com autonomia.

A autonomia é uma característica que se pode possuir como característica própria mas pode (e deve) também ser trabalhada com as crianças, desde casa, no sentido de a tornar mais independente, capaz de lidar com sucessos mas também frustrações, assim como desenvolver capacidades de respeitar a opinião do outro e de cedência.

Pelo ponto de vista de Laborinho Lúcio (2007:51), a ação educativa deverá ser um processo de libertação do indivíduo, pois esta reconhece-o “como sujeito, lhe proporciona instrumentos de pensamento e de cultura que lhe permitem agir como autor do seu tempo cultural e humano”.

Surge então a necessidade de motivar e entusiasmar as crianças para a ação, uma vez que para Balancho (2005: 17) a “motivação é aquilo que suscita ou incita uma conduta, que sustém uma atividade progressiva, que canaliza essa atividade para um dado sentido”. A motivação engloba tudo aquilo que atrai, conduz e limita a conduta. Através da motivação, a criança encontra argumentos para aprender, melhorar e para encontrar e tornar rentáveis as suas aptidões.

Desta forma, o educador tem como principal objetivo melhorar a qualidade da sua prática educativa, estando, conseqüentemente, adequado ao contexto, no qual está inserido, adotando as melhores estratégias, proporcionando múltiplas aprendizagens.

Para isso, cabe ao educador planificar momentos de aprendizagem desafiadores, interessantes e que estimulem “cada criança, apoiando-a para que chegue a níveis de realização a que não chegaria por si só, mas acautelando situações de excessiva exigência de que possa resultar desencorajamento e diminuição da autoestima” (ME, 1997: 26).

As OCEPE defendem ainda que a planificação desenvolvida com o envolvimento das crianças “permite ao grupo beneficiar da sua diversidade, das capacidades e competências de cada criança”, pois existe uma partilha de conhecimentos que facilita a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças (ME, 1997: 26).

Neste seguimento, evidenciou-se pertinente procurar responder à seguinte problemática: *Quais são os contributos da participação das crianças na planificação para o seu processo de aprendizagem?*.

Partindo da questão de investigação, foram delineados os seguintes objetivos a atingir:

1. Compreender o papel da criança no processo de planificação;
2. Identificar estratégias de envolvimento das crianças no seu processo de aprendizagem;
3. Refletir sobre o envolvimento das crianças nas experiências educativas por si planeadas.

Então, para responder à problemática houve a ponderação de vários elementos de carácter metodológico, nomeadamente, o modo de como eram apresentadas as propostas para as planificações, a organização do grupo, o estímulo e apoio a fornecer às crianças, a resposta às múltiplas solicitações, a integração dos diferentes caminhos que as crianças iam sugerindo, a gestão do tempo, a conclusão da atividade e a avaliação da mesma.

2. Planificação

Este instrumento de trabalho oferece ao educador uma prática mais organizada, para que o método ensino-aprendizagem e as necessidades das crianças sejam ajustadas. Neste sentido, Arends (1995:60) afirma que a planificação “ (...) corresponde a um grupo de conteúdos e de competências associadas que são percebidas como um conjunto lógico”. Neste seguimento, o mesmo autor (1995) refere que, o educador tem em mente inúmeros conteúdos e objetivos, assim como, atividades a serem desenvolvidas durante várias ações.

A inexistência de um só modelo de planificação permite ao educador ou à equipa disciplinar escolher o mais conveniente face aos aspetos a ter em conta, como as características do grupo, a temática, o local onde as crianças se encontram inseridas, etc. Porém, esta escolha de planificação vai ao encontro da conceção do método ensino-aprendizagem que o educador possui. Essa conceção permite que o educador tome várias decisões educativas durante a elaboração da planificação.

A planificação de curto prazo é diferente das anteriores, pois esta é pessoal, ou seja o educador pode elaborá-la sozinho enquanto nas anteriores deve ser um conjunto de educadores a realizá-la. Este tipo de planificação é de cariz mais pormenorizado, específico e pessoal. É dirigida a um grupo de crianças, específico, de modo a que haja uma resposta capaz de atender às suas capacidades.

Deste modo, compreende-se melhor a forma de como o educador analisa o processo de aprendizagem, pois aqui estão escritas as atividades e estratégias a expandir com as crianças, ou seja, é uma descrição da/s atividade/s (ver apêndice 1).

A flexibilidade deste tipo de planificação é uma das particularidades mais relevantes, pois durante a atividade existem inúmeros fatores que condicionam a sua realização e pode ser necessário alterar a planificação. Cabe ao educador obter a capacidade de contornar os constrangimentos surgidos em sala de atividade.

A forma de planificar não é semelhante de educador para educador, uma vez que existem diferenças significativas, no entanto, é fundamental que o educador pense na sua prática, no que pretende com o método ensino-aprendizagem e como o vai desenvolver.

Segundo Bullough (1989), citado por Braga (1998), por não se sentirem tão seguros no seu papel, os educadores, no começo da sua carreira, usam a planificação diária mais detalhada e diretiva com tendência a planificar à semelhança de quando eram educandos. Este autor confirma ainda que é retirado tempo de reflexão dos objetivos para ser gasto na *performance*, que revela uma preocupação elevada por parte do educador.

Por sua vez, os educadores com mais prática, ou seja com mais experiência são mais confiantes e tem a capacidade de antecipar situações que possam vir a enfrentar. Nesse sentido, não necessitam de se prender à planificação, pois têm a capacidade de planificar com uma abordagem construtivista do conhecimento, partindo, assim, do

conhecimento prévio da criança. Aqui a *performance* passa para segundo plano dando prioridade às aprendizagens das crianças.

As respostas de um estudo realizado por Clark e Yinger, no ano de 1979, (Zabalza, 1992: 48-49) no qual intencionavam saber a razão dos docentes planificarem, foram agrupadas em três categorias:

- “- os que planificavam para satisfazer as suas próprias necessidades pessoais: reduzir a ansiedade e a incerteza que o seu trabalho lhes criava, definir uma orientação que lhes desse confiança, segurança, etc.
- os que chamavam planificação à determinação dos objectivos a alcançar no termo do processo de instrução: que conteúdos deveriam ser aprendidos para se saber que materiais deveriam ser preparados e que actividades teriam de ser organizadas, que distribuição do tempo, etc.
- os que chamavam planificação às estratégias de actuação durante o processo de instrução: qual a melhor forma de organizar os alunos, como começar as actividades, que marcos de referência para a avaliação, etc”.

Os educadores devem planificar para as crianças, uma vez que as suas necessidades devem ser tidas em conta, e assim sendo a planificação será uma mistura destas três categorias. No entanto, a primeira categoria encaixar-se-á nos educadores principiantes, pois como foi referido anteriormente estes gostam de sentir confiança e um melhor desempenho face o grupo com que interage. Porém, depois de alguma experiência será invertido um aspeto importante aqui presente, que é a planificação centrada mais no educador que nas crianças.

A planificação também ajuda os educadores, com menos experiência e com preocupação em controlar situações de indisciplina que por vezes surgem, mantendo o ambiente da sala mais estabilizado. Uma das prevenções para a indisciplina pode ser a realização das planificações mais reflexiva em relação às actividades a apresentar de modo a adequar os conteúdos, o tempo e o espaço às crianças.

Atualmente o educador pretende que as crianças não sejam apenas espectadores, mas sim que se sintam parte integrante no desenvolvimento das actividades, uma vez que é importante que as crianças saibam o que estão a fazer e o porquê. O educador tem como função transmitir conhecimento com a maior clareza possível para que a criança se sinta motivada a desenvolver a atividade. Com o aumento da experiência o educador fica mais firme na execução da prática e recorre frequentemente a esquemas mentais,

abdicando das planificações pormenorizadas. O ato de planificar é uma ação em que os educadores se debruçam há vários anos, sendo por isso importante pois, funciona como um fio condutor que orienta o educador nas suas atividades.

2.1. Papel do adulto

O paradigma de educação foi-se modificando com o passar dos anos e foram aparecendo novas conceções de planificação didática. A planificação começa a ser vista como “(...) os processos de pensamento que o professor leva a cabo antes da interação com a turma” e durante os quais “(...) se misturam elementos de pensamentos, juízos e tomadas de decisão” (Clark & Peterson, 1989 citado por Braga, 1998: 68).

Assim, o educador controla a sua planificação, define os objetivos finais da aprendizagem e planifica as estratégias a apresentar às crianças (Carvalho & Diogo 2001) (ver Apêndice 1). É o responsável por tomar várias decisões, evidenciando a sua conceção de educação, práticas didáticas, formas de refletir e criticar as atividades que está a planificar.

Por conseguinte, Miguel Zabalza (1992: 48) afirma que a planificação didática poderá ser entendida como “uma previsão do processo a seguir que deverá concretizar-se numa estratégia de procedimentos que inclui os conteúdos ou tarefas a realizar, a sequência das actividades e de, alguma forma, a avaliação ou encerramento do processo”. Todavia, a planificação deve ser flexível, de modo a ser reajustada em situações imprevisíveis.

2.2. Papel da criança

A criança nem sempre foi visto como uma mais-valia, no processo de aprendizagem, ou seja, o contributo da criança não era valorizado. A criança tinha apenas o papel de recetora de informação e capacidade de reproduzir o que lhe foi transmitido.

Hoje em dia defende-se uma aprendizagem ativa, na qual a criança é o centro da ação e participa ativamente no seu processo de aprendizagem. Neste sentido, Hohmann e Weikart (2004: 5) afirmam que “ Através da aprendizagem pela ação – (...) as crianças pequenas constroem o conhecimento que as ajuda a dar sentido a mundo”.

Para que a criança possa fazer as suas próprias escolhas, planos e tomadas de decisões é fundamental que esta participe ativamente em todo o processo de aprendizagem (ver Apêndice 2). Continuando esta conceção, Hohmann e Weikart

(2004: 291) asseguram que “A criança dá as ideias e os objetivos a pôr em prática; o adulto encoraja a criança a pensar sobre e a discutir os seus planos”.

É a criança que constrói o seu próprio conhecimento através da manipulação e exploração de novas experiências, assim sendo e, como indica (Dewey, 1952), a criança deve aprender experimentando e fazendo.

Freinet (1974: 16) vem reforçar ainda mais esta ideia ao declarar que “Notre vraie richesse: notre travail”, ou seja, ele valorizava o trabalho que abarcava a observação, pesquisa, experimentação e realização de documentação. De acordo com o autor, o trabalho era um modo de aprendizagem que deveria estar relacionado com as vivências das crianças, com a ação sobre os temas e objetos, uma vez que o trabalho desenvolvia a inteligência e o pensamento lógico.

Silva (1997: 19) alega “que a criança desempenha um papel ativo na construção do seu desenvolvimento e aprendizagem, supõe encará-la como sujeito e não como objeto do processo educativo”, isto é, a criança passa a ser vista de forma ativa, responsável, construtora e dinamizadora do seu próprio desenvolvimento e crescimento. Ela deixa de ser vista como um ser isolado e passa a ser parte integrante de um grupo heterogéneo, cuja finalidade é conhecer e respeitar.

Pelas palavras de Hohmann e Weikart (2004: 13), durante o processo de “planejar-fazer-rever, as crianças expressam as suas intenções” conseguindo pô-las “em prática e depois refletem sobre os seus próprios interesses”. Desta forma, as crianças encontram estratégias para responder às suas dúvidas e partilham-nas com os outros.

3. Modelos Pedagógicos e o processo de planificação

Para as crianças desenvolverem as aptidões descritas nas metas de aprendizagem, vários autores trabalharam e investigaram com a finalidade de reunirem as estratégias de ensino/aprendizagem ou referências mais eficientes. Deste modo, apareceram os Modelos Pedagógicos, que de acordo com Ataíde (1986: 26),

“são conjuntos coerentes de referências nas quais assentam o trabalho do educador e a relação pedagógica; não são guias, receituários nem manuais, ou se forem, deixam talvez de ser pedagógicos e passam a ser apenas modelos. Acima de toda a base teórica ou teorizada, está o educador-pessoa e as crianças-pessoas, como sujeitos da relação educativa. As reacções das crianças por um lado, o espírito crítico e as convicções do educador, por outro lado, permitem avaliar e corrigir constantemente o processo. O eco das famílias, a opinião interessada dos colegas, o próprio poder de reflexão dos educadores são factores essenciais, qualquer que seja o modelo

pedagógico ou estilo de trabalhos seguidos. (...) Os conhecimentos, a experiência e a maturidade de cada educador, aliados a um profundo desejo de contribuir para o progresso de todas e cada uma das suas crianças, são os requisitos que irão assegurar o êxito do modelo pedagógico que ele escolher em cada etapa da sua vida pessoal e profissional”.

Um Modelo Pedagógico, segundo Oliveira-Formosinho (2003: 6-7), é a teoria aplicada na prática, isto é, "parece que pode dizer-se que o termo modelo pedagógico se refere a um sistema educacional compreensivo que se caracteriza por combinar a teoria e a prática".

Vasconcelos (1990) indica que Isabel Lopes da Silva (1982) acredita que é muito difícil os Educadores de Infância, em Portugal, especificarem um único modelo pedagógico utilizado durante as suas práticas.

Desta forma, tendo em conta a temática subjacente a este relatório apresentar-se-ão três modelos que valorizam o papel ativo da criança na sua formação, nomeadamente, o Movimento Escola Moderna e o Modelo Reggio Emilia.

3.1. Modelo Movimento Escola Moderna

Numa formação colaborativa pelos princípios democráticos e com uma pedagogia de interesse nos valores humanos e sociais surge o Movimento da Escola Moderna.

Para Niza (1996: 141) “A escola define-se para os docentes do MEM como um espaço de iniciação às práticas de cooperação e de solidariedade de uma vida democrática.” O mesmo autor (1996) mencionado por González Roa (2003: 65) afirma que este modelo é centrado na autoformação, no apoio à formação contínua assim como no enriquecimento pedagógico dos profissionais. O MEM valoriza o Educador ativo que procura crescer ao nível profissional e social. Esse crescimento surge, no contexto onde realiza a sua intervenção, em contacto com os seus pares (nível profissional) e com os cidadãos (nível social), ou seja, “o eixo principal do modelo de educação escolar da Escola Moderna Portuguesa é a construção da democracia através da sua vivência quotidiana na escola”.

As intenções pedagógicas, do MEM, realçam a naturalidade com que as crianças criam as suas questões e hipóteses que pela sua criatividade despertam estratégias de investigação para a solução dos problemas e projetos.

González (2003: 65) indica que Pires (1995) afirma que são estruturados roteiros e projetos com os assuntos programáticos, como base nos conhecimentos extraescolares que ocorrem no quotidiano, uma vez que “o trabalho escolar é combinado de forma explícita entre o professor e os alunos através de um processo de diálogo negociado em que todos os elementos do grupo-classe podem participar activamente, num exercício de democracia directa”. González (2003: 65) sustenta que só desta forma é que as crianças participam com empenho e ativamente na planificação dos processos, isto é, na “realização, avaliação e regulação de todo o trabalho escolar”.

O mesmo autor (González, 2003: 67) considera que os profissionais de educação devem partilhar e refletir sobre as suas práticas no sentido da ação pedagógica adquirir um sentido ético. Ao refletir sobre a sua prática, o Educador do MEM reforça a importância dos aspetos alcançados através deste modelo pedagógico e aprimora-o graças à reflexão e fundamentação da sua prática, pois “O trabalho de reflexão sobre as práticas pedagógicas materializa-se numa aprendizagem decisiva no desenvolvimento da pedagogia. Trata-se de construir a profissão e de re-criar a pedagogia”.

3.2. Modelo Reggio Emilia

A cooperação, as relações e as interações são considerados como princípios básicos no modelo Reggio Emilia, como afirma Rinaldi (1990) citado por Gandini (1999:147) quando declara que “as crianças devem sentir que toda a escola, incluindo o espaço, materiais e projectos, valoriza e mantém sua interação e comunicação”.

Este modelo permite que a criança tenha relações estreitas e fortes com os adultos, através de uma organização de colaboração e de cooperação entre todos os intervenientes.

As múltiplas formas de expressão, assim como, as diversas etapas do desenvolvimento das crianças são honradas e existe um cuidado extraordinário em incentivar as crianças na exploração do meio que as rodeia, aí as crianças são estimuladas para observarem, perguntarem, tomarem decisões, fazerem escolhas, formularem hipóteses e resolverem os problemas. Nesta perspetiva Lino (1996:101) diz que “As actividades realizadas pelas crianças incluem: saber observar; saber colocar questões (...) saber representar. Elas devem ser capazes de representar observações, ideias, memórias, sentimentos e novos conhecimentos, numa variedade de formas que vão desde o jogo ao desenho”.

O processo de *revisitação*, no qual as crianças recordam e acrescentam à sua memória coletiva os acontecimentos transatos e que através do diálogo são criadas novas concepções e ideias, uma vez que neste tipo de modelo, as crianças aprendem a exprimir a fantasia, as suas próprias concepções, os seus pensamentos e a ouvirem-se a si e aos outros. Como salienta Forman (1999:250),

“Os seus conceitos são o produto das suas recordações comuns do acontecimento, recordações paralelas de experiências similares (...) e o conhecimento de que começarão em breve a construir algo que foi definido ao longo dessas trocas de impressões. Para ajudar as crianças a revisitarem as suas ideias, os professores ensinaram-lhes como tornar os seus pensamentos mais explícitos através do uso de meios representacionais – o desenho, o barro, simulações, cartão e, obviamente, as suas palavras”.

3.3. Contributos das metodologias participativas

As crianças demonstram cada vez mais a capacidade de autonomia, no entanto, é necessário dar-lhes poder para que elas possam participar e mostrar aquilo de que são capazes.

Na visão de Cardoso (2010:4), “as pedagogias participativas encaram a criança como ativa, consciencializada do seu próprio poder (...) a capacidade dos indivíduos de agir independentemente e fazer as próprias escolhas”. Nesta ordem de ideias, Hohmann e Weikart (2004:5) afirmam que é “Através da *aprendizagem pela acção* – viver experiências directas e imediatas e retirar delas significado através da reflexão – que as crianças pequenas constroem o conhecimento que as ajuda a dar sentido ao mundo”.

Assim sendo, os mesmos autores (2004: 5) ainda entendem que a aprendizagem ativa dá um significado muito importante à iniciativa pessoal da criança, devido ao seu desejo inato de explorar. Deste modo, ao “Perseguirem as suas intenções, as crianças envolvem-se invariavelmente em *experiências-chave*” que as encaminham para a conceção de diversos conhecimentos.

Para além do que foi mencionado anteriormente, Hohmann e Weikart (2004:8) afirmam que a planificação como processo planear-fazer-rever “permite que as crianças expressem as suas intenções, as ponham em prática e reflitam naquilo que fizeram (...) poderão falar sobre aquilo que fizeram ou expressar-se através do desenho e da “escrita”. Neste sentido, e como referem os autores anteriores (2004:8), a planificação com as crianças ajuda-as a desenvolver autonomia assim como a sua iniciativa própria,

“permite-lhes antecipar aquilo que se passará a seguir e dá-lhes um grande sentido de controlo sobre aquilo que fazem em cada momento”.

Cardoso (2010: 4 e 8) corrobora o pensamento anterior ao afirmar que esta metodologia oferece à criança “um clima de livre expressão, proporcionando às crianças um tempo lúdico de atividade que permite explorar ideias, materiais ou projetos”, dado que a criança é encarada “como criadora ativa dos seus próprios saberes” e tem “a capacidade de simbolizar esses saberes de variados formas”, tornando-as assim mais cooperantes, criativas, críticas e valorizadas.

Em suma, Hohmann e Weikart (2004: 13) destacam que a participação da criança na planificação permite-lhe desenvolver “iniciativa, interesse, curiosidade, desembaraço, independência e responsabilidade” que no decorrer da sua vida, estes hábitos de funcionamento, se demonstrarão profícuos.

Parte II – Estudo Empírico

4. Opções metodológicas

Como salienta Fortin (1999: 49), “Qualquer pessoa que quer compreender uma investigação começa por encontrar ou delimitar um campo de interesse preciso”. Desta forma, a presente investigação tem como objetivo compreender a relevância da participação da criança no processo de planificação como contributo para o seu processo de aprendizagem. Neste sentido, e porque se pretende compreender o fenómeno indicado em profundidade, optou-se por realizar uma investigação com base no paradigma qualitativo.

Na perspetiva de Fernandes (1991), uma investigação que usa como suporte o paradigma acima mencionado tem o educador como sendo um instrumento de recolha de dados, cuja, a qualidade, a validade e a fiabilidade dos dados dependem totalmente da sensibilidade, do conhecimento e da integridade do mesmo. Este paradigma permite uma compreensão mais profunda dos problemas, uma vez que de acordo com Bogdan e Biklen “A investigação qualitativa é descritiva” (1994: 16).

5. Questão de investigação e objetivos

Partindo de um paradigma qualitativo definiu-se a seguinte questão de investigação:

Quais são os contributos da participação das crianças na planificação para o seu processo de aprendizagem?

Os objetivos traçados subjacentes à questão de investigação são os seguintes:

- compreender o papel da criança no processo de planificação;
- identificar estratégias de envolvimento das crianças no processo de planificar;
- refletir sobre o envolvimento das crianças na tarefa da planificação e sua relevância para o processo de aprendizagem.

6. Caracterização do contexto institucional

O Jardim-de-Infância, localizado a norte do país, dá por nome Jardim-de-Infância de Igreja por se situar perto desta.

Todas as informações de caracterização do Jardim têm como suporte a fase de observação realizada na unidade curricular de PPIII.

Este estabelecimento de ensino, constituído por três edifícios, tem como valências o Pré-Escolar e o 1.º CEB. O Jardim-de-Infância é um edifício recentemente construído (no ano de 1999), com apenas um piso e em separado do 1.º CEB.

A instituição pertence ao Agrupamento de Escolas do Marco de Canaveses N.º 1.

O Jardim-de-infância é oficial, pertencente à rede pública. Depende conjuntamente do Ministério da Educação, no que se refere à componente educativa, e do Ministério da Solidariedade e da Segurança Social, no que se refere à Componente de Apoio à Família. Possui três salas de atividades em funcionamento. Este local pode contar com três profissionais docentes (uma por sala), duas assistentes operacionais e três auxiliares de serviços gerais, para além dos representantes de pais.

A coordenação do estabelecimento é assegurada pela Professora do 1.º CEB.

Este estabelecimento de ensino tem como objetivos principais fornecer à criança, através de situações educativas, uma experiência alargada de conhecimentos que a ajudem a conhecer melhor a si própria, os outros e o mundo que a rodeia, permitindo-lhe um desenvolvimento social, afetivo e cognitivo saudável e harmonioso.

6.1 Caracterização dos participantes do estudo

Na realização de um trabalho de investigação é necessário escolher os participantes na mesma, ou seja, tal como afirma Fortim (1999), selecionar um “conjunto de elementos ou de sujeitos tirados da população que são convidados a participar no estudo” (1999: 363).

Neste sentido, os participantes na investigação constituem um grupo de 5 crianças (uma do género feminino e quatro do género masculino) com idades compreendidas entre os cinco e os seis anos de idade, incluindo um menino com Necessidades Educativas Especiais (NEE).

7. Fases da investigação: Procedimentos metodológicos e técnicas de recolha de dados

Na etapa de recolha de dados, as técnicas e os instrumentos para esse efeito são uma ferramenta que permitem recolher informação, mas é importante que se selecionem as e os mais apropriados para a investigação em questão (Bell, 2004).

Partindo deste princípio, e construindo todo o processo de investigação, definiram-se duas fases de investigação, recorrendo-se a técnicas e instrumentos distintos.

A Fase I, decorrida entre 5 a 19 de novembro de 2014, consistiu na construção do processo de planificação com as crianças, tendo-se procedido à realização de oito planificações. Durante esta fase, as técnicas de recolha de dados seleccionadas foram a observação (com registos descritivos (apêndice 1) e fotográficos) e a análise documental de nove planificações e de duas reflexões da Prática Pedagógica.

A Fase II, decorrida entre 20 de novembro de 2014 e 29 de maio de 2015, consistiu na avaliação do impacto da participação das crianças na planificação no seu processo de aprendizagem. Ao longo desta fase, a recolha de dados foi realizada através da análise documental de uma planificação do investigador (apêndice 2) e de oito planificações realizadas pelas crianças (apêndice 3), cinco registos elaborados pelas crianças sobre o que aprenderam (ver apêndice 4) e uma grelha de observação, preenchida pela investigadora (ver apêndice 5).

Posteriormente, apresentamos os procedimentos metodológicos de acordo com as técnicas de recolha de dados seleccionadas:

7.1. Observação participante

A observação de qualquer situação inclui uma verificação de uma componente que é de interesse para o observador, algo que não está para si esclarecido. Por isso, Estrela (1994: 21) afirma que “não é possível qualquer intervenção, minimamente fundamentada do ponto de vista científico, se não conhecermos com objectividade a realidade em que pretendemos intervir”.

A observação participante foi uma técnica seleccionada durante a fase I da investigação, procedendo-se ao registo descritivo das várias situações observadas durante o momento em que as crianças participantes planificavam, assim como dos diálogos tidos entre elas e o adulto (ver apêndice 3). A observação consistiu, assim, num

“processo de recolha de informação, através do qual podemos aprender sobre o nosso comportamento e dos outros. Realiza-se de acordo com normas pré-definidas e definições operacionais, na tentativa de obter resultados objectivos, isto é, que não variem de observador para observador” (Trindade, 2007: 39).

7.2. Análise documental

A análise documental tem como propósito recolher informações consideradas úteis para a problemática em estudo, unindo a informação recolhida juntamente com outros métodos (Bell, 1993).

Na presente investigação, e durante a Fase I, procedemos à análise de nove planificações (apêndice 2 e 3) e duas reflexões da Prática Pedagógica (apêndice 6). Durante a Fase II, procedemos à análise documental de oito planificações realizadas pelas crianças (apêndice 3), cinco registos elaborados pelas crianças sobre o que aprenderam (apêndice 4) e uma grelha de observação, preenchida pela investigadora (ver apêndice 5).

A realização das planificações por parte das crianças participantes decorria à volta de uma mesa redonda, uma vez que esta permitia uma melhor troca de informações entre o grupo, facilitava o contacto visual e possibilitava que as crianças observassem a construção conjunta da planificação no papel, enquanto o adulto/investigador registava as ideias das crianças. As planificações eram realizadas em folhas A3, para que as crianças pudessem fazer registos ilustrados (ver apêndice 3). Essa folha tinha como título “planificação do dia” e uma das crianças colocava a data. Depois dividia-se a folha ao meio, na vertical, com a ajuda de uma régua e de um marcador. Do lado esquerdo era colocado “o que vamos fazer” e do lado direito “o que queremos fazer”. De seguida o adulto registava as ideias das crianças e cada criança ilustrava a sua. Quando a planificação exigia mais registos nomeadamente “vamos dividir as tarefas” ou “o que gostámos” e o “o que não gostámos” faziam-se sempre esses registos em folhas de tamanho igual às da planificação, ou seja, em A3.

Os registos sobre o que a criança aprendeu eram individuais (ver apêndice 4) e no início a criança tinha de preencher o seu nome e o mês. Estes registos consistiam no preenchimento de uma tabela de dupla entrada, onde, na primeira linha e por coluna, tinha três *smiles*: um contente (aprendi), outro apático (aprendi pouco) e por fim o triste (não aprendi), que as crianças pintavam. No lado esquerdo existia uma coluna para que as crianças colocassem o dia do mês e depois colocavam uma marca (X) no *smile* que correspondia à sua apreciação sobre as suas aprendizagens realizadas. Quando colocavam a cruz na coluna do “aprendi” tinham que mencionar as aprendizagens realizadas naquela atividade para que a investigadora pudesse fazer o registo escrito.

Relativamente à grelha da participação da criança na planificação, foi realizada pela investigadora no computador e era preenchida pelo mesmo (ver apêndice 6). Consistia numa tabela de dupla entrada, onde, na primeira linha, constava o nome das crianças acompanhado, do lado esquerdo, das respetivas datas das planificações. Para o preenchimento dessa tabela foi necessário fazer uma legenda de cores, sendo que o

verde significava “participa”, o amarelo “participa pouco”, o azul “participa pouquíssimo”, o vermelho “não participa” e o branco “não esteve presente”. Essa classificação foi discriminada mediante as ideias e as conversas mantidas na hora de planificar com as crianças, sendo o “participa” para quem dava muitas sugestões de atividades, materiais de construção e mantinha o diálogo, o “participa pouco” para quem dava algumas ideias para a realização de atividades e materiais, o “participa pouquíssimo” para quem dava apenas uma ou, no máximo, duas sugestões, o “não participa” para quem não apresentava nenhuma sugestão nem fazia nenhum comentário à planificação e o “não esteve presente” para quem esteve ausente no momento de planificar.

8. Tratamento e análise da informação recolhida

Ao longo da investigação procedeu-se a uma análise qualitativa descritiva, pois pretendeu-se compreender, de forma profunda e detalhada, os significados atribuídos pelas crianças participantes ao processo de planificação. Nesta perspetiva, de acordo com Fidalgo (2003: 178), “Os dados são enquadrados e interpretados em contextos holísticos de situações, acontecimentos de vida ou experiências vividas, particularmente significativos para as pessoas implicadas”.

Importa referir que a análise qualitativa descritiva foi complementada, sempre que possível, com uma análise quantitativa estatística, dado que, assim, se alcançou, do nosso ponto de vista, uma melhor interpretação dos resultados obtidos.

9. Apresentação, análise e discussão dos resultados obtidos

Os resultados obtidos ao longo da investigação são apresentados seguidamente respeitando o processo de construção e desenvolvimento das planificações com as crianças. Como referimos anteriormente procedeu-se à construção de nove planificações com as crianças de acordo com calendarização a seguir definida (Quadro 1).

Planificações	Data	Referentes da planificação
1.ª Planificação	5-11-2014	- O que fizemos - Gostámos - Não gostamos
2.ª Planificação	6-11-2014	- O que vamos fazer: - O que queremos fazer: - O que precisamos para fazer a castanha - Como ficou a castanha - Para as personagens de S. Martinho precisamos de

		<ul style="list-style-type: none"> - Como ficou - O que gostamos O que não gostamos
3.ª Planificação	7-11-2014	<ul style="list-style-type: none"> - O que vamos fazer - O que queremos fazer - Vamos dividir as tarefas - Vamos dividir a história - Quem vai fazer o convite às salas - Materiais que precisamos (construção da lagartinha) - Fizemos - Não fizemos
4.ª Planificação	10-11-2014	<ul style="list-style-type: none"> - O que vamos fazer - O que queremos fazer - Que material vamos precisar - Vamos dividir as tarefas - Como ficou
5.ª Planificação	12-11-2014	<ul style="list-style-type: none"> - O que vamos fazer - O que queremos fazer - Que material vamos precisar - Soldado romano - Soldado da cavalaria - Como ficou
6.ª Planificação	14-11-2014	<ul style="list-style-type: none"> - O que vamos fazer - O que queremos fazer - Fizemos - Não fizemos - Que material vamos precisar - Vamos dividir tarefas - Gostamos - Não gostamos - Como ficou
7.ª Planificação	17-11-2014	<ul style="list-style-type: none"> - O que vamos fazer: - O que queremos fazer: - Material necessário: - Fizemos: - Não acabamos: - Gostamos: - Não gostamos: - Como ficou
8.ª Planificação	18-11-2014	<ul style="list-style-type: none"> - O que vamos fazer - O que queremos fazer - Como vamos fazer o tronco - Gostamos - Não gostei
9.ª Planificação	19-11-2014	<ul style="list-style-type: none"> - O que vamos fazer - O que queremos fazer - Fizemos - Não fizemos

		<ul style="list-style-type: none"> - Que material vamos precisar - Vamos dividir as tarefas - Gostamos - Não gostamos - Como ficou
--	--	---

Quadro 1 – Calendarização das planificações efetuadas.

De seguida, analisaremos o processo individual de construção de cada planificação construída pelas crianças.

Planificação 1 – 5 de novembro de 2014

A primeira intervenção com os participantes do estudo ocorreu a 5 de novembro de 2014.

Antes da realização da atividade, perguntei às crianças qual o tema que estas gostariam de conhecer um pouco melhor. Então, elas responderam-me que estavam interessadas na história do S. Martinho e foi a partir daí que a investigadora delineou as atividades a realizar (apêndice 2).



Figura 1 – Apresentação da televisão às crianças.

Foi colocado na sala de atividades uma televisão feita em cartão onde passaram, através desta, imagens sobre a lenda de S. Martinho, acompanhadas com a narração da história (figura 1). Após a audição/visualização da história foi o momento de explorar de forma visual e verbal toda a narração.

Em seguida, foi proposto às crianças a realização de um coração, no qual estas fariam a carimbagem de uma das mãos, colocariam uma mensagem e ofereceriam uma “boa ação” a um par da instituição.

Enquanto o adulto explicava os passos da atividade às crianças, estas mostravam-se atentas e recetivas à atividade. Posteriormente, houve a necessidade de registar tudo o que iria ser feito. Foi construída uma pequena tabela onde era colocado o programa a idealizar durante o dia. Após o registo partimos para a realização da atividade sugerida.

As crianças começaram por picotar/recortar livremente o coração já desenhado. De seguida, precedeu-se à carimbagem da mão, com a cor escolhida pela criança. Depois houve a necessidade de as colocar a secar. Enquanto umas crianças iam acabando, as outras estavam sempre por perto, para conversar e para ajudar os pares.

A seguir ao almoço, verificou-se que a carimbagem já estava seca e partiu-se para a fase seguinte, que consistia em escrever uma mensagem (figura 2).

Todos os participantes contribuíram com as suas mensagens de boas ações.

Posteriormente chegou a hora de registar o que tinham gostado e o que não tinham gostado de fazer. Nesse momento as crianças partilharam os seus pensamentos e gostos com o grupo.



Figura 2 - Construção dos corações (boas ações).

No diálogo em grande grupo ficou decidido que as crianças contariam a história a todas as crianças da instituição e no final ofereceriam o coração a uma criança à sua escolha.

Com o recontar da história às outras crianças, estas sentiram necessidade de a ouvir novamente. Assim, o grupo explorou a televisão e a história.

Para colmatar o dia foram distribuídas três folhas de registos a cada criança: registo de como correu a participação na planificação (bem, mais ou menos e mal), o registo do comportamento (bem, mais ou menos e mal) e também o registo das aprendizagens (aprendi, aprendi pouco, não aprendi e o que aprendi). O adulto explicou como teriam que preencher e ficou acordado que no final das atividade teriam que fazer aquele registo. Os registos ficaram visíveis e ao alcance das crianças.

Após uma reflexão sobre o desenvolvimento da atividade apresentada e o papel da criança na sua planificação, verificámos que era o adulto/investigador quem estava a planificar e não a criança. Embora o adulto seguisse os interesses da criança esta não estava a ser ativa no processo de planificação, pelo que houve necessidade de alterar as estratégias definidas.

Planificação 2 – 6 de novembro de 2014

A segunda planificação ocorreu no período de reunião, onde a investigadora referiu às crianças que, a partir daí, o processo de planificação seria diferente. Este consistia em que as crianças planificassem as suas atividades, ou seja elas é que teriam de escolher as atividades, assim como os materiais necessários e que seria necessário utilizar para a construção dos seus projetos.

Numa folha A3 realizou-se a planificação (apêndice 3, planificação 1) onde era discriminado a data, o que vamos fazer e o que queremos fazer (figura 3). Numa primeira fase, as crianças decidiram fazer uma castanha e pintá-la com café e posteriormente a realização das personagens associadas ao S. Martinho.

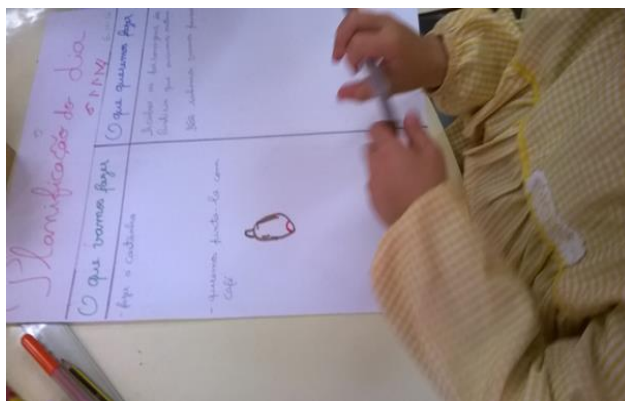


Figura 3 - Construção da planificação.

Inicialmente, foi necessário fazer um registo do material que se iria utilizar para a elaboração da castanha. Desta maneira, as crianças verbalizaram os vários tipos de materiais que achavam oportunos para aquele trabalho.

As crianças começaram por mencionar que era necessário o desenho da castanha, que a investigadora providenciou. De seguida, foi sugerido que era necessário fazer cola. Então as crianças assinalaram que era preciso cola em pó e água. A investigadora foi buscar, uma vez que estes não se encontravam em local de fácil acesso às crianças. Posteriormente, uma das crianças foi buscar os frascos de café. Todo o material estava em cima da mesa e as crianças começaram a manipular e a fazer a mistura da cola em pó com a água. Depois de fazerem a cola, tiveram a ideia de juntar o café à mesma. Mexeram a mistura até que esta ficasse homogénea. Após terminarem, foi necessário lembrar às crianças que havia pouco espaço na mesa, que era preciso arrumar os materiais que já não eram precisos e ir buscar os que iriam necessitar na próxima fase, como por exemplo, os pinceis e as folhas de jornal, que costuma colocar por baixo das pinturas ou das colagens. Depois do alerta feito pelo adulto, as crianças rapidamente procederam à arrumação do material.

As crianças estavam sorridentes e mantinham a conversas sobre a tarefa que estava a ser desenvolvida durante todo o processo de preparação do material, assim como na hora de pintarem as castanhas (figura 4).

Era visível que as crianças estavam a



Figura 4 - Elaboração da castanha.

gostar da experiência de elaborarem todo este processo de forma autónoma, ou seja, de escolherem os materiais, prepararem a atividade e executarem-na sem as orientações do adulto.

Conforme as crianças acabavam de pintar, iam colocando a castanha a secar no parapeito da janela.

Ainda durante a manhã foi feito o registo de como ficou a castanha. Cada criança realizou o seu registo (desenho). Uma das crianças quis realizar o seu registo com a mistura de café, enquanto os restantes fizeram-no com canetas ou lápis de cor. Depois do registo estar ilustrado, as crianças verbalizaram como tinha ficado a castanha.

Durante a tarde, as crianças deram início ao registo do material que iriam precisar para a construção das personagens da história do S. Martinho (figura 5). Após o registo do material, houve a necessidade de introduzir a divisão de tarefas. Nesta primeira fase, de explicação, não houve registo escrito da divisão de tarefas, para o adulto verificar se numa próxima atividade as crianças se iriam lembrar dessa fase.

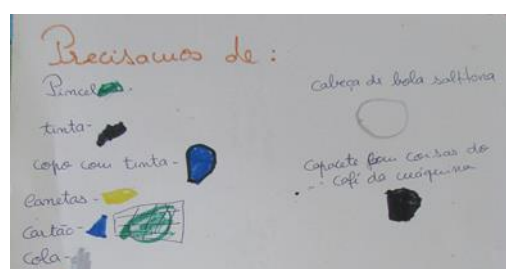


Figura 5 - Registo do material necessário para a atividade.

As crianças verbalizavam o material que achavam necessário para a sua construção, enquanto a investigadora fazia o registo numa das folhas de planificação. Posteriormente, chegou o momento das crianças recorrerem ao material por elas mencionado. Denotou-se pouco à vontade das crianças na recolha do material. Algumas das crianças pareciam um pouco desorientadas na sala, sem saber muito bem onde se encontravam os materiais, tendo o adulto que ajudar.

Uma das crianças quis trabalhar o cavalo do S. Martinho, duas optaram por fazer o S. Martinho e as duas últimas ficaram com o mendigo.

Depois da escolha de cada um, deram asas à imaginação e lá iam surgindo as personagens da lenda.

As crianças que ficaram responsáveis por construir o mendigo resolveram que o que seria melhor para representar o corpo era um cone de cartão. Ao ouvirem isto, as crianças que estavam encarregues do S. Martinho também quiseram usar o mesmo material. De seguida, pintaram com as cores que acharam convenientes. Enquanto isso, o cavalo estava a ser elaborado com um copo de iogurte líquido. A criança pintou o

iogurte e, enquanto este secava, tratou de fazer as pernas em papel de revista, mas os pares aconselharam que de cartão ficaria mais seguro. Então a criança pediu ajuda ao par e esta deixou o seu trabalho e foi ajudá-lo.

Posteriormente, veio a necessidade de colocar no topo do cone a cabeça, então surgiu a ideia de se usar uma bola de esferovite (figura 6). Uma das crianças foi buscá-la, porém trouxe duas e deu uma ao grupo que estava com o mendigo.



Figura 6 - Construção das personagens da lenda de S. Martinho.

Para a realização do capacete do S. Martinho o seu grupo utilizou uma cápsula de café, para os braços e para a espada utilizaram tiras de cartão. Para os braços e as pernas do Mendigo também foram utilizados o mesmo material. Por fim, colocaram as personagens da história a secar.

Durante todo este processo, a investigadora foi conversando com as crianças e ajudava-as sempre que estas a solicitavam.

No final, fizeram o registo (ilustrado) de como ficaram as personagens (figuras 7 e 8).



Figura 8 - Registo de "Como ficou".



Figura 8 - Resultado final das personagens da lenda.

Depois houve ainda o momento das crianças registarem o que gostaram e o que não gostaram de fazer.

A última atividade consistiu no registo de como correu a participação das crianças na planificação, o registo de comportamento e o registo das aprendizagens, porém foi necessário lembrá-las.

Planificação 3 – 7 de novembro de 2014

A hora da reunião para a planificação (apêndice 3, planificação 2) era ansiada pelas crianças, pois durante o lanche estavam sempre a pedir para entrarem para reunir, no entanto, nem sempre era possível, uma vez que nem todas as crianças da sala tinham acabado de lanchar.

Depois de entrarem na sala, as crianças apressavam o passo para se sentarem nas suas cadeiras e conversavam sobre o que iriam projetar naquele dia. Havia harmonia e sorrisos nas suas conversas, pressupõe-se que estavam a gostar de participar no processo de planificar (figura 9).

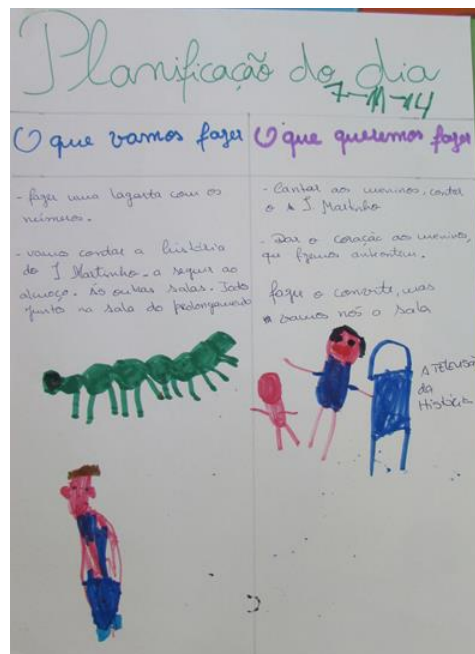


Figura 9 - Registo da planificação.

A planificação começou com a vontade das crianças criarem uma lagarta com números para colocarem na parede, perto do quadro magnético, para saberem e poderem desenhar os números no quadro Também ficou registado, na planificação, a vontade de contarem a lenda do S. Martinho às outras crianças, assim como oferecerem os corações que estavam prontos. Então, optamos por definir o que faríamos em primeiro lugar ao qual as crianças escolheram a lagartinha dos números.

Inicialmente, definimos que material seria necessário para a sua construção e foi feito o respetivo registo. Enquanto isso, uma das crianças mencionou que era necessário fazer a divisão de tarefas, uma vez que era apenas uma tarefa para muitos meninos. Desta maneira foi feito, também, o respetivo registo.

Antes de iniciarem a construção da lagarta, foi necessário fazer o convite às salas para a visualização da lenda de S. Martinho. As crianças decidiram que iriam elas às salas convidar e que depois do almoço seria a altura de todos se reunirem na sala do prolongamento para escutarem e visualizarem a lenda de S. Martinho.

As crianças decidiram que seria melhor colar as duas partes das caixas dos ovos e só depois pintá-las. As caixas foram coladas, todavia, para ficarem mais seguras notou-

se que era melhor agrafá-las, por isso pediram ajuda à investigadora para realizar a tarefa.

Depois de unidas as duas partes, as crianças começaram a pintar a lagartinha. Escolheram a cor verde. Enquanto as crianças pintavam, uma delas, a responsável pelas patas, começou a recortar bocadinhos de revista. Enquanto a lagarta secava junto do aquecedor, as restantes começaram a preparar o material.

Uma das crianças começou a preparar as antenas da lagarta. Para isso usou uma palhinha, no entanto, uma das crianças lembrou que as lagartas têm duas antenas não apenas uma. Então a criança cortou a palhinha ao meio ficando com duas. Depois colocou em cima de cada metade da palhinha uma bolinha pequena e vermelha feita de papel crep, para fazer a finalização da antena. Outra criança lembrou-se de fazer uns lacinhos para colocar nas antenas da lagartinha.

Com a lagartinha já pintada, as crianças queriam colocar as antenas (figura 10). Como a lagartinha não estava totalmente seca era notória a impaciência das crianças para finalizarem a atividade. O facto de esta ainda não estar seca



Figura 10 - Construção da lagarta dos números.

dificultou o trabalho, porque ela estava flácida e rasgava com mais facilidade. Ao furá-la para colocar as antenas, uma das partes da lagartinha rasgou-se e foi necessário a criança cortar essa peça. Porém, no outro lado a criança já teve mais cuidado e conseguiu furar e colar as antenas sem danificar a lagarta. Depois de a finalizarem, esta ficou a secar.

Enquanto isso, as crianças resolveram fazer um ensaio da história. Deste modo, acharam melhor dividirem a lenda de maneira a cada criança contar uma parte (figura 11).

Como a lenda era dividida em cinco partes, ou seja, continha cinco imagens, cada criança podia escolher

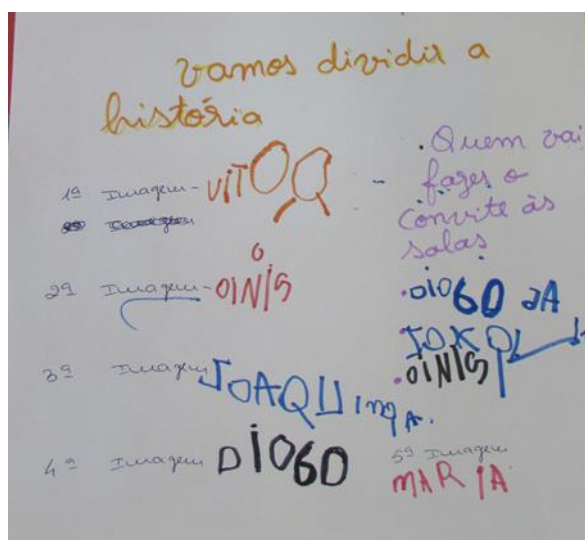


Figura 11 - Registo da divisão das imagens da lenda.

uma. Assim, procedeu-se ao registo da divisão da história, no qual as crianças mencionaram a parte que queriam.

No início da tarde, as crianças voltaram a pegar na lagartinha e colocaram-lhe os olhos com canetas de *gliter*. As crianças estavam entusiasmadas com a lagartinha, no entanto, a investigadora lembrou-as do compromisso que tinham com as outras salas. Ao tocar neste assunto, as crianças arrumaram de imediato a lagartinha e foram buscar a televisão da história para se prepararem.

Uma das crianças foi verificar se os grupos já se encontravam na sala do prolongamento, ao que se deparou que só lá estavam as crianças de uma das sala e tomou a iniciativa de ir lembrar as outras crianças e adultos, mas este já se encontravam prontos para sair.

Depois de estarem todos sentados na manta do prolongamento, as crianças entraram nessa sala com a televisão (figura 12). Ouviram-se comentário positivos da parte das outras crianças e dos adultos, o que desencadeou sorrisos nos protagonistas da lenda.



Figura 12 - Preparação para a narração da lenda à comunidade da instituição.

Iniciaram a lenda com a canção habitual para as histórias e de seguida começaram a narrá-la.

As outras crianças estavam caladas e sorriam ao ouvirem os colegas a contar a lenda. No final, todos bateram palmas, as crianças lembraram que o S. Martinho tinha feito uma boa ação e que eles queriam dar uma boa ação aos pares. Nesse momento, as crianças pegaram nos seus corações e ofereceram-nos (figura 13).

Nesta planificação não houve oportunidade de fazer o gostamos e o não gostamos porque o tempo não permitiu,



Figura 13 - Oferta das boas-ações aos pares.

uma vez que as crianças preferiram fazer os registos individuais primeiro.

Planificação 4 – 10 de novembro de 2014

A reunião iniciou-se com a vontade das crianças terminarem a lagartinha e de fazerem, posteriormente, o registo, numa folha grande, da lenda de S. Martinho.



Figura 14 - Construção da planificação.

Começamos, então, por escrever as atividades na planificação (figura 14). Depois de realizarem o registo (apêndice 3, planificação 3), finalizaram a lagartinha, que consistia em colocar as patas e os números. As patas iam ser de folhas de revista, mas em diálogo com os pares chegaram à conclusão que era melhor colar a lagartinha numa folha branca e desenhar as patas. De seguida, surgiu o problema de como fazer os números. Porém, lembraram-se de que a Educadora Cooperante tinha números, de tamanho pequeno, que costumava utilizar e foram pedir-lhos, para colocar na lagartinha. Posteriormente, apareceu outro problema: onde colocar os números. Após algum diálogo, decidiram colocar em cima da lagartinha. Cada criança tirou dois números à sorte de cima da mesa e ficou com eles, eram esses números que tinham para colocar. Na hora de colar solicitaram a ajuda de um adulto, uma vez que queriam colocar com fita-cola dobrada e ainda não conseguiam fazer isso. Com o passar do tempo, foi verificado que faltava uma parte da caixa do ovo, correspondente ao número dez. Rapidamente as crianças arranjaram solução para isso: cortar um pedaço de outra caixa de ovos, pintá-la e colá-la junto à outra. Assim, recortaram, pintaram e colocaram a secar sem a ajuda de qualquer adulto, o que evidenciou a vontade na sala, autoconfiança e autonomia.

Enquanto uma peça da lagartinha estava a secar, as crianças evocaram o registo da lenda de S. Martinho. Começamos, então, por registar o material que iríamos precisar. As crianças verbalizavam tudo aquilo que achavam necessário para aquela atividade. Posto isto, e como ia ser um trabalho de grupo onde todos iriam estar a trabalhar, foi



Figura 15 - Registo ilustrado da Lenda de S. Martinho.

necessário recorrer, novamente, à divisão de tarefas. Cada criança manifestou o interesse sobre o que queria desenhar e mediante as escolhas, as crianças conseguiram agrupar-se e trabalhar em grupo (figura 15).

Depois de terem terminado quiseram afixar o registo (desenho) numa das paredes da sala. Para além disso, também manifestaram o desejo de registar na planificação o desenho de como ficou.

No final ainda avaliamos com bolinha verde o que fizemos e verificamos que tínhamos realizado tudo o que tinha sido planeado.

Para terminarem o dia, as crianças faziam o registo de como correu a participação na planificação, o registo do comportamento e também o registo das aprendizagens, ao qual não foi necessário fazer chamada de atenção para o fazerem.

Planificação 5 – 12 de novembro de 2014

Neste dia, as crianças revelaram interesse em fazer um registo sobre os soldados (apêndice 3, planificação 4) que tinham visualizado com a Educadora Cooperante, assim como o registo do magusto que tinham vivenciado no dia anterior (figura 16).

Iniciamos com a reunião para planificar o dia, como o habitual. No retângulo destinado ao que vamos fazer ficou mencionado o registo dos soldados que viram com a professora (figura 17). E no retângulo para o que queremos fazer ficou a vontade de realizar o registo do magusto.

Como ambos eram registos foi feita apenas uma planificação sobre o material que iríamos precisar. As crianças foram relatando todos os materiais que achavam pertinentes para aquela atividade.

No registo ilustrado dos soldados: romano e cavalaria (antes e agora) as crianças verbalizaram algumas diferenças entre os trajes dos soldados de antigamente e dos soldados atuais.



Figura 16 - Registo ilustrado dos soldados.

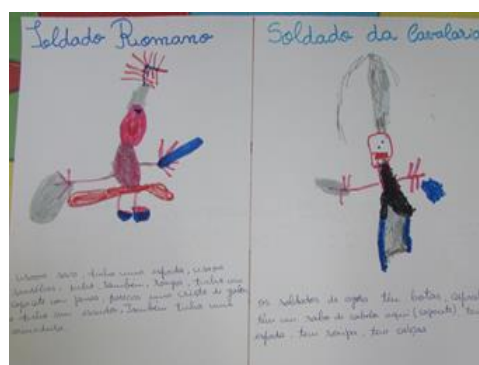


Figura 17 - Resultado final da ilustração dos soldados.

Depois de terminarem o primeiro registo, começaram o segundo que teve como título “O Magusto”. As crianças pediram à investigadora que escrevesse “O magusto” a lápis de carvão para que pudessem, depois passar por cima. E assim se deu o início ao registo do magusto (figura 18).

As crianças verbalizaram que não era necessário fazer o registo da divisão de tarefas, que elas já sabiam que cada um fazia uma coisa. Os que estavam à espera para desenhar optaram por estar à volta do desenho para darem ideias e dicas aos pares. No entanto, verificou-se uma desorientação por parte de algumas crianças.



Figura 18 - Registo da ilustração do magusto.

Para terminarem o dia, as crianças fizeram o registo de como correu a participação na planificação, o registo do comportamento e também o registo das aprendizagens.

Planificação 6 – 14 de novembro de 2014

Hoje a planificação iniciou-se com um diálogo muito atrativo por parte das crianças. No dia anterior tinha havido uma feirinha de outono, organizada pela associação de pais daquela instituição.

As crianças estavam radiantes ao verbalizarem o que viram e ao recordarem os familiares que estiveram presentes. Por isso, disseram logo que queriam fazer o registo da feirinha, uma vez que foi um dia importante para elas. Para além dessa panificação, as crianças registaram (apêndice 3, planificação 5), também, a vontade de quererem ir ver os pinheiros que circundam o jardim-de- infância, porém essa atividade não foi possível realizar devido ao mau tempo que se presenciou a partir da hora do almoço (figura 19).



Figura 19 - Construção da planificação.

Para a primeira planificação (registo da feirinha de outono), foi realizado o registo do material que iria ser necessário para esse trabalho, assim como, a divisão de tarefas



Figura 20 - Trabalho de grupo em mesa

(figura 20). Uma vez que na planificação anterior o facto da divisão de tarefas não ter sido discriminada em registo desorientou algumas crianças. Depois de todos estes registos feitos fizeram o registo ilustrado da feirinha. O registo ocupou o resto da manhã (figura 21).



Figura 21 - Registo de divisão de tarefas.

No fim do almoço, como já referido anteriormente, não se pode realizar o que estava previsto, no entanto, as crianças ao verem os raios e ao ouvirem o som dos trovões questionaram o porquê daquilo estar a acontecer. Então, houve necessidade de recorrer aos livros existentes naquela sala, que felizmente são muitos e abordam todo o tipo de assuntos. E através da leitura de um livro, da visualização das imagens ilustradas e reais do mesmo foi possível, de uma forma mais clara, esclarecer todas as dúvidas que tinham sido colocadas anteriormente.

Posto isto, a admiração, por parte das crianças, ao verem e ouvirem o raio e o trovão era patente, porém chegou o momento de registar o que gostaram e o que não gostaram naquele dia.

Para terminarem o dia as crianças faziam os seus registos individuais.

Planificação 7 – 17 de novembro de 2014

Hoje a vontade era de ir à escola do 1.º CEB visitar a feirinha de outono. Algumas das crianças têm familiares no 1º CEB e como tal queriam ir visitá-los, assim como ver o que estava à venda na feira.

Iniciámos habitualmente com a reunião onde ficou registado (apêndice 3, planificação 6) que, na parte da manhã, as crianças queriam fazer a visita à feira da escola 1.º CEB e que depois queriam fazer um pinheiro em cartão.

A primeira planificação foi realizada, no entanto, com algumas recomendações para que tudo corresse bem. Depois das regras impostas, fomos visitar a feirinha de outono do 1.º CEB, onde as crianças ficaram



Figura 22 - Visita à feira de outono do 1.º CEB.

fascinadas ao verem os seus familiares, novamente, numa feira (Figura 22). O facto de poderem estar num local pouco habitual criou curiosidade em conhecer todo o espaço exterior, assim como ver o que os pais do 1.º CEB estavam a vender.

Após o almoço a planificação já era outra: a construção de um pinheiro em cartão. Para isso foi preciso proceder ao registo do material necessário. Após isto, as crianças foram buscar todo o material que referiram e colocaram-no em cima do móvel. Depois foi solicitada a ajuda da investigadora para fazer o desenho de um pinheiro no cartão. De seguida, recortaram-no e com o pinheiro recortado colocaram-no por cima de uma base de cartão e contornaram-no, ficando assim com dois pinheiros (figura 23). Depois de contornado foi a vez de o recortar.

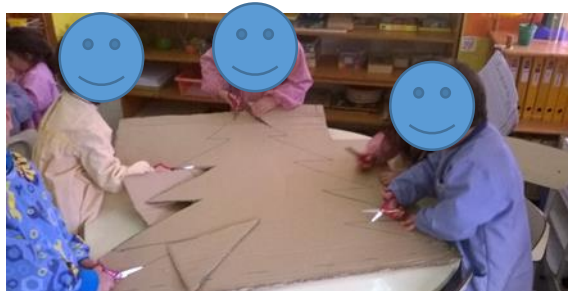


Figura 23 - Recorte do molde do pinheiro em cartão.

No final, para além dos registos individuais também registamos o que gostamos e o que não gostamos.

Planificação 8 – 18 de novembro de 2014

Hoje as crianças estavam empolgadas com a construção do pinheiro. Quando chegaram à sala de atividades foram verificar se o pinheiro estava no lugar onde o tinham deixado e trouxeram-no para a manta. Nesse local, dialogámos um pouco acerca da planificação que tinha sido realizada ontem, nomeadamente, das dificuldades que eles encontraram, como por exemplo que cortar cartão era difícil, porque era duro.

Após o diálogo as crianças quiseram reunir para registar (apêndice 2, planificação 7) o que queriam fazer. Então, reuniram-se e registaram as suas vontades. Como o material de que iriam necessitar já estava apontado não houve necessidade de fazer outro registo e as crianças passaram à ação. Começaram por colocar folhas de jornal em cima da mesa porque iam pintar (figura 24). As crianças não quiseram que fossem divididas as tarefas, uma vez que eles próprios queriam distribuí-las. Depois colocaram um dos pinheiros em cartão em cima da mesa e



Figura 24 - Pintura do cartão pelas crianças.

enquanto uns estavam com o pinheiro outros já estavam a preparar a tinta, deitando-a nos copinhos para começaram a pintar. Após a pintura veio a fase da construção do tronco (figura 25). As crianças definiram como queriam que fosse o tronco e fizemos o respetivo registo. Posto isto, escolheram os materiais e começaram a pintar o bidão, que seria o futuro tronco, em castanho (figura 25).



Figura 25 - Pintura do bidão.

Na fase em que registamos o que vamos fazer, as crianças enumeraram muitas tarefas que queriam realizar, contudo, no final fizemos uma avaliação da atividade: com bolinha verde ficou o que foi realizado e com bolinha vermelha o que ficou por realizar (figura 26). Após esta avaliação, fizemos a contagem das respetivas bolas e detetou-se que o que fizemos foi menos do que aquilo que não fizemos. Facilmente as crianças chegaram à conclusão que não se pode querer fazer tudo no mesmo dia.



Figura 26 - Registo da avaliação das atividades realizadas e não realizadas.

Depois foi a vez das crianças fazerem o registo daquilo que gostaram e o que não gostaram, posteriormente fizeram os registos individuais.

Planificação 9 – 19 de novembro de 2014

Hoje as crianças estavam empolgadas com a colocação do pinheiro no tronco e, por isso, foram de imediato para a mesa de reunião. Evidentemente quiseram registar (apêndice 3, planificação 8) tudo o que pretendiam fazer naquele dia. Depois do registo passámos à ação.

As crianças foram buscar o tronco (bidão já pintado) e o pinheiro (forma do pinheiro em cartão). Então iniciámos um pequeno diálogo de como iríamos prender o pinheiro ao

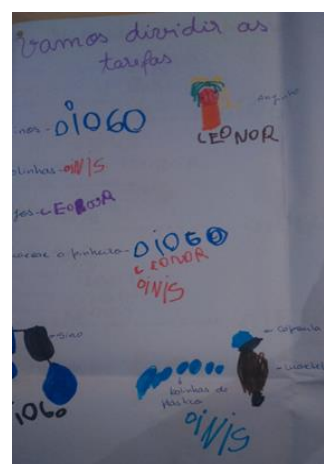


Figura 27 - Registo de divisão de tarefas.

tronco e lá encontraram uma solução. Porém necessitaram da ajuda da investigadora para que o tronco ficasse bem seguro.

Depois houve a necessidade de dividir as tarefas, uma vez que as crianças queriam fazer adornos para o pinheirinho (figura 27). Cada criança foi verbalizando o que queria fazer para colocar no pinheiro. Após a divisão das tarefas foi necessário registar o material que consideravam mais pertinente para aquela tarefa. Cada criança ia mencionando o que achava que ia precisar para o seu adorno. Posteriormente, as crianças foram buscar o material, colocaram-no em cima da



Figura 28 - Construção dos adornos para o pinheiro.

mesa de trabalho, em frente ao seu lugar, e começaram a trabalhar (figura 28). As crianças davam opiniões uns aos outros e, por vezes, solicitavam a ajuda da investigadora. Por vezes necessitavam de material que não estava registado, então iam busca-lo e, logo de seguida, pediam à investigadora para fazer o registo escrito daquele material.

Já na parte da tarde, as crianças mostraram o desejo de colocar no pinheiro alguns dos adorno já feitos e começamos assim a decorar o pinheirinho de Natal (figura 29).



Figura 29 - Resultado final do pinheiro de Natal.

No final, as crianças fizeram os registos individuais, seguido do registo daquilo que gostaram e o que não gostaram.

Visão transversal dos resultados obtidos no processo de construção das várias planificações

Na primeira planificação não houve registo da participação das crianças na elaboração da planificação, uma vez que a investigadora optou por partir apenas das sugestões das mesmas para planificar as atividades. No processo de reflexão sobre esta planificação, as crianças participantes fizeram os registos das aprendizagens inerentes às atividades realizadas, não mencionando a mobilização de saberes sobre o conceito de planificar (apêndice 4).

Na segunda planificação, a investigadora sentiu necessidade de alterar as metodologias, pois verificou que as crianças não participaram de forma ativa na

planificação anterior. Daí surge a planificação envolvendo as crianças na sua construção. Neste momento, as crianças foram confrontadas com uma metodologia nova, o que pode ter proporcionado pouca adesão por parte das mesmas, uma vez que ainda se estavam a habituar às novas estratégias implementadas. Desta forma, as cinco participaram pouquíssimo ao longo da construção da planificação, assim como nas atividades por elas selecionadas (apêndice 5). As crianças fizeram os registos das aprendizagens relativas às atividades realizadas, não envolvendo o incitar de saberes sobre o conceito de planificar.

Na terceira planificação verificou-se que houve uma ligeira evolução, uma vez que quatro crianças participaram pouco e apenas uma criança participou pouquíssimo (apêndice 5). No entanto, pode-se considerar que o envolvimento das crianças participantes de uma forma geral ainda foi insuficiente, face ao que se pretendia na investigação.

Os resultados obtidos durante o processo inerente à quarta planificação demonstrou um maior empenho das crianças nas atividades, porque já houve quatro crianças a participarem ativamente e houve apenas uma criança que participou pouco (apêndice 5).

Nos restantes momentos relativos às quinta, sexta, sétima, oitava e nona planificações houve uma adesão completa por parte das crianças participantes (apêndice 5). Estas já tinham compreendido o tipo de metodologia que estava a ser implementado, o que contribuiu para a participação ativa das crianças quer nas planificações quer no desenrolar das atividades.

Uma visão transversal dos resultados obtidos durante a investigação permite evidenciar que a dificuldade sentida pelas crianças no processo de planificação (dificuldades em se movimentarem na sala, sozinhas, em busca do material necessário e dificuldades de manipulação do material) foi sendo ultrapassada. Após serem realizadas algumas planificações verificou-se que as crianças davam mais sugestões e não se sentiam tão retraídas na busca e manipulação dos materiais. Também foi ultrapassada a falta de conhecimento, por parte das crianças, de onde se guardavam determinados objetos que necessitavam para a realização das suas atividades, identificando, posteriormente, locais onde sabiam estar o material necessário, mas que não podia estar ao seu alcance devido a regras de segurança, e que só podia ser usado em presença do adulto/investigador.

Podemos concluir que, desde o início do processo de planificação, a participação das crianças no mesmo foi-se tornando mais expressiva e significativa. As crianças, aos poucos, foram-se consciencializando do papel ativo que podiam ter na elaboração da planificação, mais precisamente nos final dos registos de conversas da segunda, sexta e nona planificação (ver apêndice 1). Por exemplo, nas planificações dois, seis e nove as crianças foram questionadas se estavam a gostar de planificar e o porquê. Durante o processo da implementação da planificação dois, todas as crianças participantes responderam que gostaram de planificar, nomeadamente porque realizaram aquilo que queriam (exemplo de evidência: “Eu gostei, porque fiz a castanha que queríamos”, “sim, porque tudo, porque gostei de mexer no café”). Já na implementação da planificação seis, as crianças participantes continuaram a afirmar que gostaram de planificar, embora, neste momento apresentassem razões diferentes do momento anterior, como foi o trabalho conjunto colaborativo entre todos (exemplo de evidência: “gosto, porque nós é que fazemos”, “eu gosto, porque trabalho com os amigos, todos juntos”) e o envolvimento o processo de planificar (exemplo de evidência: “gosto, porque posso escrever aqui (e aponta para a planificação)”). E por último, após a implementação da planificação nove, todas as crianças participantes verbalizaram, uma vez mais, que gostaram de planificar, acrescentando como razão do “gosto” o facto de (i) se registar o que as crianças decidem em conjunto e de todos poderem ter acesso a essas decisões (exemplo de evidência: “Gosto, porque aqui (aponta para a planificação) fica tudo o que nós fazemos e podemos ver”) (ii) de serem mais autónomos na procura e exploração do material (exemplo de evidência: “sim, porque podia ir buscar as coisas que precisava”) e (iii) de trabalhar em conjunto e ajudar/colaborar os/com os outros (exemplo de evidência: “gosto, porque nós é que dizíamos o que fazíamos e ajudávamos os colegas”).

Em síntese, podemos referir que os resultados obtidos vão ao encontro das ideias de Hohmann e Weikart (2011: 247) uma vez que estes defendem que “ao fazerem planos diários, ao segui-los e depois ao relembrar aquilo que fizeram, as crianças pequenas aprendem a articular as suas intenções e a refletir sobre as suas ações”.

Para que a criança possa fazer as suas próprias escolhas, planos e tomadas de decisões é fundamental que esta participe ativamente em todo o processo de aprendizagem. Continuando esta conceção, os mesmos autores (2004: 291) asseguram que “A criança dá as ideias e os objetivos a pôr em prática”, o que foi evidenciado ao

longo da presente investigação. Também o poder de argumentação sobre as suas próprias escolhas, durante o processo de “planejar-fazer-rever”, permitiu que as crianças, tal como referem os mesmos autores expressassem as suas intenções e refletissem sobre as mesmas, conseguindo-as colocar em prática.

10. Reflexão final

Numa era em que tanto se fala que as crianças em idade escolar têm muita dificuldade na oralidade, em expor os seus pensamentos, em serem capazes de defender uma ideia (Costa, Guimarães & Rossetti-Ferreira, 2003), e que tem de se começar logo na Educação Pré-Escolar a promover essa destreza, a investigação aqui desenvolvida ganha relevância, pois só dando voz ativa às crianças é que se criam oportunidades de aprendizagem para o desenvolvimento dessas competências. Por isso, a filosofia de planificar com a criança apresenta características muito positivas, pois a criança desde cedo tem um papel ativo no seu processo de aprendizagem, deixando de parte a ideia de transmissão de conhecimento, onde as crianças são meras recetoras de informação. Ao longo da presente investigação, valorizou-se o papel ativo e a aprendizagem das crianças, dando-lhes oportunidade de participar e tomar decisões no processo de planificação do trabalho a desenvolver por si.

Depois do trabalho desenvolvido baseado na questão de investigação *Que contributos traz a participação ativa das crianças na planificação no seu processo de aprendizagem?*, concluiu-se, com base nos resultados obtidos, que as crianças foram capazes de planificar de forma espontânea, colaborante e decidida, selecionando atividades que lhes eram significativas e identificando os recursos necessários à sua realização. Houve uma grande preocupação em que todas as crianças participantes participarem na planificação paulatinamente, cumprindo-se o ritmo de aprendizagem de cada uma. Desta forma, as crianças participantes mostraram-se autónomas, motivadas, capazes de resolver problemas e tomar decisões em conjunto. Consequentemente tinham consciência que estavam a participar na sua própria aprendizagem. Aos poucos as crianças participantes foram assimilando as ideias e iam colocando-as em prática. O facto das crianças se envolverem ativamente na planificação deu-lhes uma atitude pró-ativa e motivou-as para as suas aprendizagens, realizando as atividades por si idealizadas.

Do ponto de vista mais pessoal desta investigação, e como refere Silva (2004: 49), “ O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis” e é desta forma que eu descrevo todo o meu percurso desenvolvido ao longo do Ensino Superior.

Esta caminhada possibilitou-me estar em contacto, de uma forma diferente, com as crianças e aprender a dar um novo sentido à minha intervenção educativa, contactando com profissionais com quem também cresci e aprendi. As lacunas, os medos e receios também estiveram presentes, mas nunca desisti de procurar soluções para superar os obstáculos que iam surgindo. Isto fez-me crescer em experiência e conhecimento.

Relativamente à PPIII, em contexto Pré-escolar, lembro-me perfeitamente que senti necessidade de pesquisar de forma assídua e rigorosa para aperfeiçoar os meus conhecimentos. Recordo que precisei de voltar a folhear os apontamentos e conhecimentos adquiridos até então, pois as minhas dúvidas eram frequentes. Mediante as ideias prévias que possuía houve um esforço da minha parte, em conjunto com outros intervenientes (nomeadamente a educadora cooperante e a professora supervisora), para conseguir tornar-me uma profissional de educação melhor. Agora, só espero que o futuro me dê oportunidade de construir uma ponte entre o mundo dos adultos e o mundo das crianças.

E termino como uma citação de Saint-Exupéry (1943) “Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós”, uma vez que também espero ter deixado algo, de mim, produtivo em todos aqueles com quem me cruzei ao longo desta caminhada, assim como a esperança de que esta investigação seja um contributo para que os educadores de infância reflitam sobre o papel da criança no momento de planificar.

Referências bibliográficas

- Arends, R. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Atáide, M. (1986). *Pedagogia de Situação*. Coleção Métodos Pedagógicos N.º4. Cadernos do Curso Pós-Básico. Lisboa: Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich.
- Balancho, M. & Coelho, F. (1986). *Motivar os alunos, criatividade na relação pedagógica; conceitos e práticas*. 2.ª Ed. Porto: Texto.
- Bell, J. (1993). *Como realizar um projeto de investigação* (3ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- Braga, F. (1998). *Formação inicial e práticas curriculares de professores principiantes – Um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho.
- Bodan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Cardoso, G. (2010). *Pedagogias participativas em creche*. Cadernos de Educação de Infância, nº 91.
- Costa, N., Guimarães, L. & Rossetti-Ferreira, M. Conversar para aprender a conversar. In: Rossetti-Ferreira, M. C. et al. (Org). *Os fazeres na Educação Infantil*. São Paulo.
- Damião, M. (1996). *Pré, inter e pós acção: Planificação e avaliação em pedagogia*. Coimbra: Minerva.
- Dewey, J. (1952). *Experiência e educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional
- Estrela, A. (1994). *Teoria e Prática de Observação de Classes*. 4.ª Edição. Porto: Porto Editora.
- Ferrão, F., Reis, E. & Vicente, P. (2001). *Sondagens – A amostragem como factor decisivo de qualidade*, 2.º Edição, Lisboa: Edições Silabo.
- Fidalgo, L. (2003). *(Re)Construir a Maternidade Numa Perspectiva Discursiva*. Lisboa: Instituto Piaget.

Figueira, M. (1998). *Ser Educador na Cresce*. Lisboa: Cadernos de Educação de Infância.

Figueiredo, M. (Ed.). (2002). *Estímulos à Leitura e à Escrita no Jardim-de-Infância*. Lisboa: Projeto “Bola de Neve”.

Folque, M. (2012). *O Aprender a Aprender no Pré-Escolar: O Modelo Pedagógico do Movimento d Escola Moderna*. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian.

Forman, G. (1999). *O Projecto de Reggio Emília*. in Catherine Twoney Fosnot. *Construtivismo e Educação – Teoria, Perspectivas e Prática*. Lisboa: Instituto Piaget.

Fortin, M. (1999). *O processo de Investigação da Conceção à Realização*. Edição, Loures, Lusociência.

Freinet, C. (1974). *A Educação pelo trabalho*. Lisboa: Editorial Presença.

González, R. (2003). *O Movimento da Escola Moderna Portuguesa*. Escola Moderna: Revista do Movimento da Escola Moderna. N.º 18, 5.ª Série. Lisboa: Movimento da Escola Moderna.

Hohmann, M., Banet, B. & Weikart, D. (1987). *A Criança em Acção*. 2.ª ed. Lisboa: Edição Fundação Calouste Gulbenkian.

Hohmann, M. & Weikart, D. (2004). *Educar a criança*. 3.ª Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Homem, M. (2002). *O Jardim de Infância e a família: As fronteiras da cooperação*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Laborinho, L. (2007). “Educar a para uma cidadania de sucesso”. Em *IX Congresso da Sociedade Portuguesa Ciências da Educação (Actas)*. Funchal.

Lino, D. (1996). *O Projecto de Reggio Emília – Uma Apresentação*. in Júlia Oliveira-Formosinho (org). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*. Porto: Porto Editora.

Marchão, A. (2012). *No Jardim-de-Infância e na escola do 1.º ciclo do Ensino Básico – Gerir o currículo e criar oportunidades para construir o pensamento crítico*. Lisboa: Edições Colibri.

Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão panorâmica da Investigação-Ação*. Porto: Porto Editora.

Ministério da Educação. (1996). *Educação Pré-Escolar em Portugal*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.

Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Lisboa: Departamento de Educação Básica.

Moreira, M. (2001). *A investigação-ação na formação reflexiva do professor-estagiário de inglês*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Niza, S. (1996). *O Modelo Curricular de Educação Pré-escolar da Escola Moderna Portuguesa*. in Júlia Oliveira-Formosinho (org), *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*. Porto: Porto Editora.

Oliveira-Formosinho, J. (2003). *O Modelo Curricular do M.E.M. – Uma Gramática Pedagógica para a Participação Guiada*. in Escola Moderna: Revista do Movimento da Escola Moderna. N.º 18, 5.ª Série. Lisboa: Movimento da Escola Moderna.

Oliveira-Formosinho, J. (Org.). (2011). *O espaço e o tempo na pedagogia-em-participação*. Porto: Porto Editora.

Parente, C. (2010) *Avaliação: observar e escutar as aprendizagens das crianças*. *Cadernos de educação de Infância*, n.º 89.

Rinaldi, C. (1999). *O Currículo Emergente e o Construtivismo Social*. in Carolyn Edwards; Lella Gandini; e George Forman, (orgs). *As Cem Linguagens da Criança: A Abordagem de Reggio Emilia na Educação de Infância*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.

Sarmiento, T. & Marques, J. (2006). *A participação das crianças nas práticas de relação das famílias com as escolas*. Interacções.

Savater, F. (2010). *O valor de Educar*. In Castillo, R.; Crato, N.; Damião, H (Orgs.) *O Valor de Educar, o Valor de Instruir*. Porto: Porto Editora

Santos, A. (2007). *A Abordagem à Leitura e à Escrita no Jardim-de-Infância: Concepções e Práticas dos Educadores de Infância*. Dissertação de Doutoramento em Educação. Universidade dos Açores

Silva, L. (1983). *Planificação e metodologia: O sucesso escolar em debate*. Porto: Porto Editora.

Silva, M. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Ministério da Educação: Lisboa, DEB.

Silva, M. (2004). *Qual o tempo do cuidado?*. Edições Loyola: ISBN 8515029987, 9788515029983.

Trindade, V. (2007) *Práticas de Formação, Métodos e Técnicas de Observação, Orientação e Avaliação (em supervisão)*. Lisboa: Universidade Aberta.

Vasconcelos, T. (1990). *Modelos Pedagógicos em Educação Pré-Escolar: que pensam os Educadores?* in *Aprender: Revista da Escola Superior de Educação de Portalegre*. N.º 11. Portalegre: Escola Superior de Educação de Portalegre.

Zabalza, M. (1992). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: Edições ASA.

Apêndices

Apêndice 1- Registos dos diálogos com as crianças

Planificação

Data	Planificação	Conteúdo da planificação	Registos das conversas	Registo das aprendizagens	Participação na planificação
5-11-2014	1 ^a	<p>O QUE FIZEMOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pintamos a mão para o coração. C4 - Posemos a mão com tinta. C2 - Fizemos corações para sermos amigos. C3 - Demos os corações aos amigos. C3 - Eles ficaram contentes. C5 - Ouvimos a história na televisão da Carina. C4 <p>GOSTAMOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Fazer o coração e ouvir a história que tu trouxeste. – C2 - Gostei de fazer o coração e isto (aponta para a planificação). – C3 	<p>Eu também vou pintar. - C1 Pois vais. - C3 Vamos todos. - C5 Eu quero o meu de azul, Carina. - C4 O que vais pintar de azul? - Adulto O meu coração. C4 E vais pintá-lo todo de azul. – Adulto Não! – C4 É só a mão.- C3 Poi é. C1</p> <p>O pincel faz cocegas. – C3 Pois faz. – C2 Eu quero fazer. - C4 Olha para aqui! (aponta para a mão pintada). – C3 Tens que pôr aqui (aponta para o coração em papel). – C5 Olha o meu! – C4 Ficou bem! – C5 Pois ficou – C1 Agora sou eu. – C5 Vou fazer o meu cor de rosa. C5 Vou por na janela. – C4 Porque vais pôr na janela? – Adulto Para secar. – C4</p>	<p>Não sei – C1 Que há boas ações – C2 Que devemos partilhar – C3 A contar a história – C4 Que devemos ajudar – C5</p>	<p>Não participou – C1 Não participou – C2 Não participou – C3 Não participou – C4 Não participou – C5</p>

		<p>- Gostei de tudo! – C4 - Gostei de tudo, da tinta. – C1 - Gostei da história do S. Martinho. – C5</p> <p>NÃO GOSTAMOS: - Eu gostei de tudo. – C2 - Gostei de tudo. – C3 - Não sei...gostei de tudo. – C4 - Gostei de tudo. – C1 - Não sei. – C5</p>	<p>Eu vou pôr o meu à beira do C4. – C3 Olha que giro, C5. C2 Posso dar o meu coração ao C6 da sala B? – C3 Claro que sim! – Adulto Eu também quero dar à C7 da sala B. – C4 Eu quero dar ao C8 da nossa sala. – C2 Eu ainda não sei. – C5 E tu C1, já sabes a quem vais dar o teu? Não! – C1 Ele vai pensar. – C3 Pois vou. – C1</p>		
6-11-2014	2ª	<p>O QUE VAMOS FAZER: - Fazer a castanha. – C3 - Queremos pintá-la com café. – C5</p> <p>O QUE QUEREMOS FAZER: - Fazer as personagens da história que ouvimos ontem. – C4 - Não sabemos vamos pensar. – C2</p>	<p>Vais fazer cola, C3? – C5 Sim!mas parece açúcar. – C3 Parece farinha. – C2 Mas é cola. – C5 Assim não cola, temos que por água. – C4 Parece que está a sair gelo. – C3 Deita mais água. – C2 Deitamos a água toda. – C1 É para derreter aquilo. – C3 Vamos juntar café. – C5 Agora, está castanho. – C4 Já podemos pintar. – C4 Cheira bem. – C5 Pois cheira. – C1</p>	<p>A pintar a castanha. – C1 A pintar com café. – C2 Não sei. – C3 Que o café também dá para fazer trabalhos. – C4 Que podemos fazer trabalhos com cones. C5</p>	<p>Participa pouquíssimo – C1 Participa pouco – C2 Participa pouco – C3 Participa pouco – C4 Participa pouco – C5</p>

		<p>O QUE PRECISAMOS PARA FAZER A CASTANHA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Café. – C5 - Desenho da castanha. – C2 - Fazer cola. – C4 - Pincel. – C3 <p>COMO FICOU A CASTANHA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ficou preta e castanha. – C3 - Por baixo ficou preto. – C4 - Ficou castanho escuro e castanho claro. – C2 - Ficou preta, castanho a castanho claro. – C1 - Ficou preta em baixo e em cima ficou pintada. <p>FIZEMOS AS PERSONAGENS DA HISTÓRIA DE S. MARTINHO PRECISAMOS DE:</p>	<p>Cheira a café.- C2</p> <p>Gostaste de planificar, porquê? Eu gostei, porque fiz a castanha que queríamos. – C2 Gostei, porque sim. – C1 Sim, porque eu gostei. – C3 Sim, porque tudo. Porque gostei de mexer no café. – C5 Sim, porque gostei de fazer a castanha. – C4</p> <p>O que sentiste? Porquê?</p> <p>Não sei. – C2 Não sei. – C1 Bem. Porque sim. – C3 Sim, porque senti-me bem. – C4 Não sei. – C5</p>		
--	--	---	---	--	--

	<ul style="list-style-type: none"> - Pincel. – C2 - Tinta. – C3 - Copo com tinta. – C3 - Canetas (marcadores). – C1 - Cartão. – C4 - Cola. – C4 - Cbeça de bola saltitona (bola de esferovite). – C5 - Capacete com coisas do café da máquina (cápsulas de café). – C2 <p>COMO FICOU:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A apresentação do resultado foi através do desenho. <p>O QUE GOSTAMOS</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pintar. – C4 - De fazer a castanha, gostei de fazer o boneco da história, gostei de fazer a castanha com o café. – C2 - Gostei de fazer o 			
--	---	--	--	--

		<p>desenho ali (aponta para a planificação onde tem “como ficou”, gostei de fazer a castanha. – C3</p> <p>- Gostei de fazer o Martinho, e da castanha. – C5</p> <p>- Pintar com tinta. – C1</p> <p>O QUE NÃO GOSTAMOS:</p> <p>- Gostei de tudo. – C4</p> <p>- De nada. – C2</p> <p>- Não gostei de...não sei. – C5</p> <p>- Não gostei de fazer o nome nas presenças. – C1</p>			
7-11-2014	3ª	<p>O QUE VAMOS FAZER:</p> <p>- Fazer a lagartinha com os números. – C4 e C5</p> <p>- Vamos contar a história do S. Martinho às outras salas. – C2</p>	<p>Os laços não dá para apertar. – C2</p> <p>Não dá para colar. – C4</p> <p>Ó carina põe cola, que C4 colou mal. – C5</p> <p>Adulto: Onde ponho cola?</p> <p>Aqui! (aponta para a caixa de ovos) – C5</p> <p>É melhor agrafar. – C2</p> <p>Adulto: Porque achas melhor agrafar?</p>	<p>A fazer os números. – C1</p> <p>Que com as caixas dos ovos fazemos trabalhos. – C2</p> <p>É preciso convidar os amigos. – C3</p>	<p>Participa pouquíssimo – C1</p> <p>Participa pouco – C2</p> <p>Participa pouco – C3</p> <p>Participa pouco – C4</p> <p>Participa pouco –</p>

	<p>- Depois do almoço. – C5</p> <p>- Todos juntos na sala do prolongamento. – C3</p> <p>O QUE QUEREMOS FAZER:</p> <p>- Contar aos meninos a história do S. Martinho. – C2</p> <p>- Dar o coração aos meninos. – C3</p> <p>- Fazer os convites. – C5</p> <p>- Vamos nós à sala. – C3</p> <p>VAMOS DIVIDIR AS TAREFAS:</p> <p>- Colar as duas partes das caixas. – C4</p> <p>- Eu faço os olhos, o nariz e a boca. – C3</p> <p>- Eu ponho os números e pinto as caixas. – C5</p> <p>- Vamos fazer as pernas com papelão. – C4</p>	<p>Assim fica mais seguro. – C3</p> <p>Vais sujar a mesa, C5. – C3</p> <p>Não tem mal, a carina disse que se sujasse não havia problema. – C5</p> <p>Temos que ter duas palhinhas, não podes trazer só uma. – C3</p> <p>Dinis, só tem um laço. – C3</p> <p>Tens que cortar assim só tens um. – C3</p> <p>Tenho de cortar a palhinha, para fazer duas. – C4</p> <p>É muito difícil, Carina (cortar a palhinha). – C3</p> <p>Deixa-me tentar. – C2</p> <p>Já está, já cortei. – C4</p> <p>Olha, espalha muito. – C2</p> <p>Tens muitos bocadinhos que não estão pintados. – C2</p> <p>Falta pintar aqui. – C2</p> <p>E aqui, C5. – C3</p> <p>Sujaste-me C5. – C3 (riram-se)</p> <p>Pintaste-me C5. – C2 (riram-se)</p> <p>Olha para o meu dedo? – C2</p> <p>Estás-me a pintar a unha. – C2</p> <p>Olha eles metem o dedo na tinta e depois dizem que sou eu que pinto, sabias Carina. – C5</p> <p>Adulto: Ai é?</p> <p>Sim! - Leonor</p> <p>Ai o C2. – C3</p> <p>Está a pintar tudo. – C4</p>	<p>A pôr os números na lagartinha. – C4</p> <p>Aprendi a fazer os números. – C5</p>	<p>C5</p>
--	---	---	---	-----------

	<p>- Não! É melhor com brilhantes. (canetas de glitter) - C3</p> <p>VAMOS DIVIDIR A HISTÓRIA:</p> <p>- 1ª imagem – C1 - 2ª imagem – C2 - 3ª imagem – C3 - 4ª imagem – C4 - 5ª imagem – C5</p> <p>QUEM VAI FAZER O CONVITE ÀS SALAS: C1, C2, C3, C4 e C5</p> <p>MATERIAIS QUE PRECISAMOS (CONSTRUÇÃO DA LAGARTINHA):</p> <p>- Os números. – C3 - Canetas de filtro (marcador). – C2 - Lápis de cor. – C1 - Copo. – C4 - Tinta. – C2 - Pincel. – C5 - Palhinha. – C3</p>	<p>Tenho a bata suja. – C5 Não tem mal, a minha mãe lava. Já falta pouco Carina. – C5 Só faltam três coisinhas. – C2 Estão aqui os dois laços. – C2 Pinta, pinta para eu fazer os olhos. – C3 Estás sentada na minha cadeira. – C3 Eu tenho as mãos pintadas porque estou a pintar. – C5 Tem pouca tinta. – C3 Mas, chega, porque só falta um, Carina. – C5 Vais pintar o cabelo? – C3 Se pintar a minha mãe lava-o. – C5</p> <p>Fura rápido. – C3 Não consigo. – C4 Já furou! – C4 Até a cabeça foi para baixo. – C4 Não consigo fazer o outro. – C4 Deixa que eu furo. – C3 Não eu vou tentar. – C4 Não consigo. – C4 Eu tento. – C5 Oi! Mete tu. – C5 Deixa que eu ponho. – C3 Oh! É muito difícil. – C3 É muito difícil, Carina. – C3 Adulto: porque é que dizes que é difícil, C3</p>		
--	--	--	--	--

	<p>- Pode ser aquela parte da caixa dos ovos. – C3</p> <p>FIZEMOS:</p> <p>- Fizemos a lagarta</p> <p>- Contamos a história do S. Martinho aos meninos.</p> <p>NÃO FIZEMOS:</p> <p>Não acabamos a lagartinha.</p>	<p>Porque é preciso fazer força. – C3</p> <p>Mas, eu furei uma. – C4</p> <p>Deixa-me tentar outra vez. – C3</p> <p>Não! Eu vou tentar. – C4</p> <p>Deixa-me ver. – C5</p> <p>Preciso de uma tesoura para cortar. – C4</p> <p>cortarmos a caixa dos ovos ao meio e depois colamos. A seguir pintamos depois pusemos as palhinhas. – C4</p> <p>foi eu que pinte. – C5</p> <p>A frente, a cabeça, está estragada. – C5</p> <p>Porque o Diogo estragou. – C3</p> <p>Depois fomos para outra parte. – C3</p> <p>Depois cortamos com a tesoura, porque a primeira ficou estragada, mas o C4 emporrou com o dedo e ficou boa. – C5</p> <p>Tenho que cortar aqui. – C4</p> <p>Deixa-me deitar isto ao lixo. – C4</p> <p>Eu dito. – C2</p> <p>O laço não é uma bola. – C5</p> <p>Pois não, mas não sei fazer. – C2</p> <p>Eu sei! – C5</p> <p>Nunca vi laços assim. – C5</p> <p>Os olhos, não se veem, posso por papel azul, Carina? – C4</p> <p>Adulto: Que cor podem ter os olhos?</p> <p>Castanho... – C4</p> <p>preto, azul. – C3</p> <p>e verde. – C2</p> <p>Adulto: Então, podes ou não por azul?</p>		
--	--	--	--	--

			<p>Posso, porque há olhos dessa cor. – C4</p> <p>Vou usar uma revista para fazer as pernas da lagartinha. – C4</p> <p>Eu acho que é melhor desenhar. – C3</p> <p>Pois é. – C5</p> <p>Faz castanho. – C1</p> <p>Não sujes a folha da Carina. – C3</p> <p>Isso não é assim, Vitor. – C5</p> <p>Deixa-me ajudar-te. – C3</p> <p>Não é preciso. Eu sei fazer. – C1</p> <p>Já está feito. Já acabou. – C2</p> <p>Vamos pô-la por cima do quadro. – C3</p> <p>Não! Onde assinamos. – C1</p> <p>Não dá, Vitor. Não vamos assinar por cima da lagarta – C5</p> <p>Só se pusermos em cima. – C4</p> <p>Em cima, ali (aponta para a parede). – C4</p> <p>Ali dá! –C5</p> <p>Pois, tem espaço. – C3</p>		
10-11-2014	4 ^a	<p>O QUE VAMOS FAZER: - acabar a lagartinha dos números. – C5</p> <p>O QUE QUEREMOS FAZER: - Fazer o registo de S.</p>	<p>Vamos pôr os números. – C3</p> <p>Vamos colar com aquilo que a professora cola, que é branco (bostique). – C5</p> <p>Não, com fita cola. – C3</p> <p>Eu vou buscar. Posso Carina? – C3</p> <p>Adulto? Querem fita cola?</p> <p>Sim! – C3, C4, C2, C1 e C5?</p>	<p>A cantar. – C1</p> <p>Podemos trabalhar todos ao mesmo tempo. – C2</p> <p>Não veio à escola. – C3</p> <p>Fazer o registo. –</p>	<p>Participa pouco – C1</p> <p>Participa – C2</p> <p>Participa – C3</p> <p>Participa – C4</p> <p>Participa – C5</p>

	<p>Martinho.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Fazemos numa folha grande. – C2 <p>QUE MATERIAL VAMOS PRECISAR:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Canetas e tinta. – C3 - Lápis de cera. – C4 - Copo para a tinta. – C5 - Pincel. – C3 - Uma tampinha para o copinho. – C2 - Lápis de carvão. – C1 - Lápis de cor. – C2 - Folha. – C1 <p>VAMOS DIVIDIR AS TAREFAS:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Eu quero ficar com a primeira parte, quando o cavaleiro chega de cavalo. – C4 - Cortar a capa com a espada ao meio. – C2 - Quando o Martinho estava a embrulhar o mendigo. – C5 - Quando estava a vir 	<p>Adulto: Porquê?</p> <p>Porque cola e é melhor. – C3</p> <p>Adulto: o C3 pode ir buscar a fita cola?</p> <p>Sim! C1, C4, C2 e C5</p> <p>Cola Carina. – C5</p> <p>Nós não conseguimos. – C2</p> <p>Adulto: O que é que vocês não conseguem?</p> <p>Dobrar. – C3</p> <p>Nós cortamos e tu dobras. – C2</p> <p>Adulto: hummm</p> <p>Deixa-me colar o dois. – C2</p> <p>Ainda não tem (fita cola). – C3</p> <p>Assim não cola. – C2, C1</p> <p>Eu vou aí. – C1</p> <p>Agora, é o três. É sempre a seguir. Eu coleí o número um, o Dinis colou o dois. – C3</p> <p>Eu vou colar o três. – C5</p> <p>Eu colo o quatro. – C3</p> <p>Eu colo este, Carina (pega no número cinco). – C1</p> <p>É o cinco. – C2</p> <p>Não tem cola. – C1</p> <p>Eu quero por aqui (aponta para a folha). – C5</p> <p>Eu quero aqui em cima (aponta para cima das caixas com que fizeram a lagarta). – C4</p> <p>Ó C2, por amor de Deus, não queiras colá-los todos. – C5</p>	<p>C4</p> <p>Não podemos todos ao mesmo tempo. – C5</p>	
--	---	---	---	--

	<p>o sol. – C3</p> <p>- Quando o mendigo estava assim: “socorro, socorro”. – C1</p> <p>COMO FICOU:</p> <p>- A apresentação do resultado foi através do desenho.</p>	<p>Falta o dez, não tem. – C2</p> <p>Adulto: O que é que não tem?</p> <p>Espaço, aqui. – C3</p> <p>Adulto: Então, vamos pensar no que podemos fazer.</p> <p>Vamos descolar. – C2</p> <p>Vamos buscar outro. – C5</p> <p>É melhor buscar outra caixa. – C4</p> <p>Vou buscar a tesoura. – C3</p> <p>É só um. – C1</p> <p>Adulto: Como vamos fazer agora?</p> <p>Vamos pintar e depois vamos por os números. – C4</p> <p>Vamos fazer outra lagarta, Carina? – C5</p> <p>Não! É para pôr aqui (aponta para a lagartinha) que só tem até ao número 9. – C3</p> <p>Ó joaquim, não consegues cortar? – C1</p> <p>Carina, já cortei. – C3</p> <p>Posso ir buscar a tinta para pintar, Carina. – C3</p> <p>Eu também quero pintar. – C2</p> <p>Precisamos de cola. – C4</p> <p>Vais pintar tudo? – C3</p> <p>Já te dou, vou pintar metade. – C2</p> <p>Agora tem de secar. – C5</p> <p>Depois é que podemos colar. – C3</p> <p>Carina, posso deitar isto ao lixo? – C5</p> <p>Eu ajudo. – C1</p>		
--	--	--	--	--

			<p>Era no azul, puseste? – C2 No ecoponto. – C2 Pus. – C5 Eu pus. – C1 Adulto: Porque é que é para colocar no ecoponto azul, C2? Porque o azul é do papel e do cartão. – C2</p> <p>Vou desenhar o cavalo. – C4 Faz o rabo. – C3 Não tem duas pernas. – C2 Tem duas atrás e duas à frente. – C2 E os olhos? – C1 Os olhos e a boca. – C5 Eu sei! – C4 O Vitor pode desenhar aqui, tem espaço. – C2 Vou desenhar o cavalo parado. – C1 Tem o chapéu preto? – C3 Tem! – C4 Não, era cinzento. – C3 Porque era de metal. – C3 Mas agora está preto. – C4 O cabelo era preto. – C1 E os olhos? – C4 Ele ainda não tem boca. – C5 Vou fazer o rabo. – C1 Do cavalo. – C1</p>		
--	--	--	---	--	--

			<p>E a boca. – C5 Eu sei, C5. – C1 Olha os braços. – C2 Ó Diogo o cavalo tem nariz. – C2 Não, não tem. – C4 Pois não. – C1 Tem. – C5 Vou buscar um livro, para vermos. – C2 Esse cavalo tem asas. – C3 O do livro. – C3 Mas, o do Marinho não era. – C5 A chuva está azul. – C2 A chuva, estava a chover muito. – C1 Podias fazer como o Diogo. – C5 Pois era, azul escuro. – C3 Pois, chuvia muito. – C5 Eu ponho agora. – C1 O teu mendigo não tem braços? – C4 Eu, também, já disse. – C3 O trovão é branco. – C2 Porque eu vi uma vez. – C2 Vou fazer a água no chão. – C4 São poças de água. – C3 Quando chove, depois, ficam poças. – C5 Vou fazer a terra. – C4 O mendigo tem barba. – C3 Pois tem. – C5 De que cor é a barba? – C1 É preto. – C3</p>	
--	--	--	--	--

			<p>A barba não está em cima da boca. – C3 E eu não fiz. – C1 Fizeste, olha para aí. – C3 Estava a ver que o corpo não ficava feito, Vitor. – C5 Ó Dinis, a boca é assim? – C1 É! – C2 Toda torta. – C1 Mas, C1, deixa fazer como ele sabe. – C3 E o corpo. – C4 Vais fazer o corpo de castanho? – C3 O Vitor estava a dizer para eu fazer os braços em castanho, mas eu estou a fazer o cavalo. – C5 Ó Dinis, o cabelo é assim? – C1 Eu estou a fazer as orelhas. – C2 Ó Dinis o cabelo é assim? – C1 Sim! – C2 A seguir sou eu! – C3 Eu sou o último. – C3 Não podemos fazer todos ao mesmo tempo, tu é que disseste para ser o último. – C5 Olha, Carina o cabelo maior. – C1 Ia, Carina! Olha para o cabelo da Leonor. – C3 Adulto: humm Deixa-a fazer. – C4</p>		
--	--	--	---	--	--

			<p>Não somos todos iguais. – C3 Ele tem crista. – C2 No capacete, e era vermelha. – C2 Agora vou fazer os braços cor de pele, ele é assim. – C2 1, 2, 3, 4, 5 (contar os dedos conforme ia desenhando). – C2 Só tem um braço? – C3 Não! Vou fazer o outro. – C2 Vou fazer a roupa. – C2 Carina, já pintei a roupa. – C2 É cinzento, porque era a proteção. – C2 A armadura. – C4 Vou fazer os sapatos, acho que eram cinzentos. – C2 Eram. – C3 Ó Dinis e o sol? – C1 Estava a chover, ainda. – C2 Pois estava. – C3 Vou fazer as calças. – C5 Falta a capa. – C4 Primeiro falta a espada. – C2 A chuva não é cinzenta, C2. – C4 É, é. Poque não tem cor. – Dinis Que capa pequenina. – C4 Faz maior. – C5 Eu sou como o C2, também, faço a chuva transparente. – C5 O que é isso grande? – C2 São as gotinhas de água. A chuva são</p>		
--	--	--	--	--	--

			<p>gotinhas. – C5 Não, não são. – C4 São, são. – C3 Pois são. – C5 Há grandes e pequenas. – C3 A capa está aqui (aponta para o desenho). – C5 Eu ainda estou a pintar a capa. – C2 Preciso de um banco (vai buscar uma cadeira). – C2 Eu faço assim as calças, Carina, não sei fazer muito bem. – C3 Adulto: ah Preciso do vermelho. Vou buscar. – C3 Vou fazer o sol. – C3 Vais fazer os olhos do sol azuis? – C2 Vou! Porque eu gosto. – C3 O sol não tem olhos. – C2 Mas, eu quero fazer. – C3 Põe as canetas aqui, se não elas vão cair. – C3 Estás a fazer relva, C3? – C5 Sim, porque parou de chover. – C3 Vou buscar uma caixa para isto (folha não enrolar. – C3 Só faltas tu, C3. – C2 Eu faço assim as pernas. – C3 Vou fazer os olhos azul escuro, no cavalo. – C3 Carina, já está seco a parte da lagarta. –</p>	
--	--	--	--	--

			<p>C5 Adulto: E o que vamos fazer agora? Colar – C2 Quem vai colar? – C5 A Carina. – C3 Podemos ser nós, Carina? – C2 Adulto: Claro que sim Eu colo. – C2 Posso pintar aqui por baixo? – C5 Quero lápis de cera. – C5 Eu também quero. – C2 Eu pinto aqui (pate de cima) posso, Carina? – C4 Adulto: vê se tens espaço, se tiveres podes. Tenho. – C4 E eu? – C3 Podes, tens espaço aqui. – C4 Agora, quero azul. – C5 Eu quero dourado. – C2 Não queres, Leonor? – C2 Nao, põe tu. – C5 Eu quero preto. – C1 Ó vitor, preto não, estragas isto. – C3 Adulto: Porque é que com o preto estraga o trabalho? Porque é muito escuro e não fica bem. – C3 Eu vou por brilhantes. – C4 Esse é bonito, também quero. – C3</p>		
--	--	--	--	--	--

			Olha, Carina, tem brilhantes. – C2 Agora vamos pô-la ali (parede). – C4 Pois vamos. – C1 Foi onde decidimos. – C5		
12-11-2014	5 ^a	<p>O QUE VAMOS FAZER: - O registo dos soldados que vimos ontem com a Professora (Educadora cooperante). – C2, C3</p> <p>O QUE QUEREMOS FAZER: - Registo de comer as castanhas no magusto. – C4, C5</p> <p>QUE MATERIAL VAMOS PRECISAR: - Canetas. – C3 - Lápis de cera. – C3 - Lápis de cor. – C2 - Lápis de carvão. – C5 - Folha. – C5</p> <p>SOLDADO ROMANO: - Usava saia. Tinha</p>	<p>Carina quero fazer o desenho na folha (planificação) – C4 Adulto: Humm Carina, só fiz um risquinho aqui (nome). – C3 Adulto: Ahh Vamos fazer numa folha de pintura? – C4 Adulto: O que vocês acham? Sim! C1, C2, C3, C4 e C5 Eu vou buscar? – C4 Carina, divide a meio. – C4 Adulto: Porque é que vou dividir a meio? Para fazer duas colunas. – C5 Para fazer o registo. – C5 Com que é que vou dividir a folha? Com a régua. – C4 O que a Carina está a fazer na folha? – C3 Não estás a ver? Está a dividir. – C5 Para fazer o registo dos soldados. – C4 Eu também quero. – C5 Que soldados vais fazer? – C3</p>	<p>Aprendi a assar castanhas. – C1 descascar as castanhas. – C2 aprendi a descascar as castanhas. – C3 que os soldados não eram iguais. – C4 Como se assam as castanhas. – C5</p>	<p>Participa pouco – C1 Participa – C2 Participa – C3 Participa – C4 Participa – C5</p>

		<p>uma espada. Usava sandálias. Tinha, também, roupa. Tinha um capacete com penas, parecia uma crista de galo, e tinha um escudo. Também, tinha uma armadura. – C2 e C3</p> <p>SOLDADO DA CAVALARIA: - Os soldados de agora têm botas e capacete. Têm um rabo de cavalo aqui (aponta para o capacete da ilustração). Tem espada, tem roupa e tem calças. - C1, C3 e C4</p> <p>COMO FICOU: - A apresentação do resultado foi através do desenho.</p>	<p>O que vimos ontem, com a professora. – C2</p> <p>Eu, também, quero fazer. – C3</p> <p>Vamos fazer um de cada vez. – C4</p> <p>Faz a cabeça. – C1</p> <p>Já estou a fazer. – C4</p> <p>Ele tinha saia. – C5</p> <p>Pois tinha. – C3</p> <p>E tinha sandálias. – C2</p> <p>Pois tinha. – C1</p> <p>E tinha aquilo no braço. – C5</p> <p>Era o escudo. – C4</p> <p>E a espada. – C3</p> <p>Vou fazer a espada. – C4</p> <p>E é dessa cor C4? – C2</p> <p>É. – C4</p> <p>As pernas assim? – C4</p> <p>Sim, não sei fazer, só sei assim. – C3</p> <p>Vou fazer melhor. – C3</p> <p>Vou fazer o capacete. – C4</p> <p>Era cinzento. – C5</p> <p>Porque era de matal. – C3</p> <p>E tinha vermelho, em cima. – C5</p> <p>Parecia a crista do galo. – C2</p> <p>Pois era. – C1</p> <p>Agora tem botas, e calças. – C3</p> <p>Pois tem. – C1</p> <p>E o capacete não tem vermelho. – C5</p> <p>Pois não, era branco. – C1</p>		
--	--	---	---	--	--

			<p>O capacete é cinzento. – C2 Pois é, é de metal. – C3 Mas não tem crista, tem rabo de cavalo. – C2 Pois era, a professora mostrou. – C5 Ontem. – C5 e C3 Carina, escreve aqui (aponta para a folha). – C2 Adulto: O que é que vou escrever? Que este tem sândalias e este tem botas. – C2 E que aqui tem saia e aqui tem calças. – C3 Já está. – C3</p> <p>Pode ser na folha grande? – C5 A Carina deixa. – C4 Porque na grande é melhor. – C3 Eu vou desenhar aqui. – C2 Eu também. – C1 Ó C1 escolhe outro sitio. – C2 Não precisas estar apertado, tem muito espaço. – C5 Então eu vou para aqui. – C2 E eu vou fazer os meninos. – C1 Eu vou fazer o desenho do magusto. – C5 Eu, também. – C1</p>		
--	--	--	---	--	--

			<p>Eu fiz uma castanha, Carina. – C3 Adulto: que bonita! Ai! – C2 Desculpa, foi sem querer. – C4 Vou buscar castanho claro. – C3 Carina, este é castanho claro! Para a castanha, parte de baixo. – C3 Deixa o lápis aberto. – C4 Eu fexei-o. – C3 Mas é para deixar aberto. – C2 Eu não sei fazer assim a castanha. – C5 Vou fazer os meninos. – C5 Eu vou fazer muitas castanhas a assar. – C3 Eu estou a fazer a palha, Carina. – C3 Porque as castanhas estavam por baixo da palha. – C3 Não é palha é munha. – C5 A fogueira, tinha castanhas. – C1 Pois tinha, e estavam pretas. – C5 Elas puseram no nosso cartucho. – C4 Pois puseram. – C3 Mas foi só uma. – C2 Pois foi. – C3 Mas depois tivemos mais. – C5</p>		
14-11-2014	6ª	<p>O QUE VAMOS FAZER: - Vamos fazer o registo de ontem, da</p>	<p>Agora foste tu que disseste, escreve o teu nome. – C3 Ó Joaquim a roda tão grande (letra o). –</p>	<p>Aprendi a fazer a feirinha. – C1 Podemos trabalhar todos</p>	<p>Participa pouco – C1 Participa – C2 Participa – C3</p>

	<p>feirinha do outono. Aqui na escola. – C2 - De manhã fazemos o registo. – C5</p> <p>OQUE QUEREMOS FAZER: - Ver o pinheiro para ver o que é a caruma, que não sabemos. Não sabemos onde é. É a árvore que dá as pinhas. A seguir ao almoço vamos ver os pinheiros.</p> <p>FIZEMOS: - Tudo o que era realizado que constava na planificação colocavamos uma bola verde (ilustração do registo da feira de outono).</p> <p>NÃO FIZEMOS: - tudo que se tinha registado na planificação, mas por</p>	<p>C1 Oi! – C2 Agora, sou eu. – C1 Eu vou fazer pequenino. – C4 Eu também. – C1 Eu sei fazer esta letra. (está a escrever com os dedos na mesa). – C4 Carina, quando formos para a primária vamos usar caneta como tu? – C4 Adulto: claro que vão. Mas será que vai ser no primeiro ano? Não. – C5 Adulto: Porquê? Porque usamos primeiro o lápis de carvão. – C5 Adulto: Exatamente. Primeiro utilizam o lápis, depois é que passam para a caneta. E tu também usaste lápis? – C2 Adulto: claro que sim! Primeiro usei o lápis, muito tempo só depois a caneta. Agora sou eu a fazer o nome, que é pincel – C2 Dá-me as canetas. – C2 Vira as canetas. – C5 Isto está torto. – C5 Ele (C2) quer escolher a cor, o C3 não deixa. – C4</p>	<p>juntos. – C2 Não sei. – C3 Que não podíamos sair do comboio. – C4 Aprendi a fazer as mesas. – C5</p>	<p>Participa – C4 Participa – C5</p>
--	---	---	---	--

		<p>algum motivo não se realizava colocávamos uma bolinha vermelha (visualização do pinheiro e da caruma, porque estava a chover e a trovejar)</p> <p>QUE MATERIAL VAMOS PRECISAR:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Lápis de cera. – C4 - Canetas. – C2 - Lápis de cor. – C3 - Lápis de carvão. – C1 - Tinta. – C5 - Folha. – C1 - Pincel. – C2 - Copinho. – C2 - Tampinha (para o copo da tinta). – C3 e C5 <p>VAMOS DIVIDIR TAREFAS:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Fazer o registo da feirinha, na folha grande. – C2 - Vou fazer o registo dos bolos. Leite 	<p>E deixo – C3</p> <p>E! que nome grande. – C5</p> <p>Oi! Sempre azul escuro. – C1</p> <p>Caramba, ó C3, que grande. – C2</p> <p>A sala A tem esta letra (A) C5, tira a caneta da boca. – C2</p> <p>Como se chama esta letra, carina (N)? – C2</p> <p>Adulto: é a letra N</p> <p>E esta (S)? – C1</p> <p>Adulto: essa é a letra S</p> <p>É assim o J (aponta para o J do C3). – C2</p> <p>Carina, podes escrever os nossos nomes na letra da primária. – C2</p> <p>Adulto: Claro que posso!</p> <p>Nós também queremos, pois queremos? (olhando para os colegas) – C5</p> <p>Sim! C1, C3 e C4</p> <p>Adulto: Querem que escreva o vosso nome?</p> <p>Sim! C4, C5, C3, C2 e C1</p> <p>Vou fazer a mesa. – C5</p> <p>O chão é cinzento. – C2</p> <p>Este marcador está gasto. – C5</p> <p>Vou ajudar o C4 e a C5. – C2</p> <p>Jesus! – C5</p>		
--	--	---	--	--	--

	<p>creme, pão-de-ló, pudim, da maçã assada, da pêra vermelha. Os pais vieram ver, e os avós. – C2</p> <p>- Vou fazer o registo das abóboras, dos xuxus e da salsa. – C5</p> <p>- Vou fazer o registo da cesta de rebuçados, que a C8 levou. Os meninos foram ver. – C3</p> <p>- o registo do pão com panado, a pêra, café. Estava a chover. As mãe vieram ver. – C4</p> <p>- eu quero o registo das nozes, da mãe do C3, a mãe do C2. Tinha feijões, cenouras e a mãe e o pai da C5. – C1</p> <p>GOSTAMOS:</p> <p>- Gostei de fazer a feirinha, aqui na folha. – C4</p> <p>- Gostei de tudo. – C3</p>	<p>A toalha não era assim. – C2</p> <p>Tinha vermelho. – C2</p> <p>Deixa-me pintar. – C2</p> <p>Faz outra mesa. – C5</p> <p>Assim não dá. – C5</p> <p>Vou fazer outra mesa. – C2</p> <p>Ontem eu fui o chefe. – C4</p> <p>Sou este (aponta para o desenho). – C4</p> <p>E este? – C1</p> <p>É a professora. – C4</p> <p>A professora? – C1</p> <p>Sim! – C4</p> <p>Faz-me a mim, também. – C1</p> <p>Eu tenho uma camisola azul escuro. – C1</p> <p>Eu também, olha! – C3</p> <p>Eu vou fazer-te. – C4</p> <p>Este és tu (C1) e este sou eu. – C4</p> <p>Eu vou pintar de brilhantes. – C2</p> <p>Carina, como é as orelhas? – C3</p> <p>Eu mostro-te. – C4</p> <p>Ah! Vou tentar. – C3</p> <p>Ficou bem! – C1</p> <p>Vou fazer meninos, agora. – C5</p> <p>Posso ajudar-te C4? – C3</p> <p>O C4 já não precisa de ajuda. – C4</p> <p>Pensa no que disseste que querias fazer. – C4</p>		
--	--	---	--	--

	<p>- Gostei de fazer a feirinha aqui (aponta para o registo). – C5</p> <p>- Gostei de fazer o desenho, fazer os bolos. Gostei de saber como se faz a trovoada no livro que a Carina mostrou. – C2</p> <p>- Gostei da trovoada, gostei de ver os relâmpagos na janela. Gostei de fazer a feirinha.</p> <p>NÃO GOSTAMOS:</p> <p>- Gostei de tudo. – C4</p> <p>- Não gostei da chuva e dos trovões, porque era muito barulho do trovões e chovia muito e não podemos ir ver os pinheiros. – C3</p> <p>- Não gostei de ouvir a trovoada. – C5</p> <p>- Não gostei dos trovões, do barulho. não gostei das faíscas. – C1</p>	<p>Vou fazer a cesta dos rebuçados. – C3</p> <p>Vai, então. – C4</p> <p>Vem para aqui. – C2</p> <p>Tem aqui espaço. – C5</p> <p>Carina, é melhor estarmos de pé, sentados enrugamos a folha. – C3</p> <p>Adulto: humm</p> <p>C3, quero brilhantes. – C1</p> <p>Agora, eu e o C2 estamos a precisar e não há mais. – C3</p> <p>Tens este. – C3</p> <p>Mas, eu não quero roxo. – C1</p> <p>Estamos a por brilhantes, para ficar bonito. – C3</p> <p>Este (desenho de uma mesa) não tem, mas podes por aqui. – C5</p> <p>Deixa-me pintar aqui. – C2</p> <p>Vou fazer os bolos. – C3</p> <p>Vou fazerv a mãe do C3. – C1</p> <p>De que cor são os olhos da tua mãe, C3? – C1</p> <p>Não sei. – C3</p> <p>Então pensa. – C1</p> <p>Não sei, põe azul escuro. – C3</p> <p>Já fiz uma cadeira. – C4</p> <p>Ta, ta, ta, ta. (a C5 canta enquanto desenha). – C5</p> <p>Carina, aqui tem brilhantes, olha vê. –</p>		
--	--	--	--	--

		<p>COMO FICOU (registo da feirinha) - A apresentação do resultado foi através do desenho.</p>	<p>C3 Adulto: Pois tem. Está a ficar bonito. Alguém pegou em cinzento? – C1 Eu vou fazer xuxus, verdes. – C5 Não eram dessa cor. – C2 E eram, havia amarelos e verdes. – C5 Eu faço a chuva. – C1 Não era para fazer azul. – C5 E era. – C1 A chuva é transparente. – C5 Então, temos de por cinzento. – C5 Esse não! Esse tem brilhantes. – C2 Tinha castanhas na ferira? – C4 Não, tinha nozes. – C5 Vou ter de desenhar a salsa. – C5 É desta cor (mostra o lápis de cera verde claro). – C4 O que é isto? – C2 Era o tolde, estava amarrado. – C4 E tinham uma escada. – C1 O homem estava lá em cima. – C1 Não tinha lá escada. – C5 Tinha, quando estiveram a por os panos (toldes). – C3</p> <p>Adulto: Gostas de planificar? Porquê? Sim. Porque posso fazer muita coisa. –</p>		
--	--	---	---	--	--

			<p>C3 Gosto. Porque nós é que fazemos. – C4 Gosto. Porque não sei. – C1 Eu gosto. Porque trabalho com os amigos, todos juntos. – C5 Gosto. Porque posso escrever aqui (aponta para a planificação). – C4</p>		
17-11-2014	7 ^a	<p>O QUE VAMOS FAZER: - Ver a feirinha da escola primária. – C5</p> <p>O QUE QUERMOS FAZER: - Queremos fazer um pinheiro em cartão. – C3</p> <p>MATERIAL NECESSÁRIO: - Tinta verde e castanho. – C4 - Pincel. – C4 - Prato. – C3 - Cartão. – C3 - Molde do pinheiro. – C5</p> <p>FIZEMOS:</p>	<p>Carina, posso assinar com a tua caneta. – C4 Adulto: Queres? Sim. – C4 Adulto: Sim, podes. Escreve bem. – C4 Eu quero as canetas de feltro. – C3 Eu também. – C5</p> <p>Carina, desenha o pinheiro. – C4 Adulto: Não querem tentar? Não Carina, nós não sabemos fazer grande. – C3 Desenhas Carina? – C1 Adulto: Querem que eu desenehe? Sim! C1, C2, C3, C4, e C5 Adulto: Está bem, eu desenho Eu vou buscar o cartão. – C4 Põe aqui (em cima da mesa). – C3 Tem dois. – C3</p>	<p>Aprendi a cortar o pinheiro. – C1 A cortar o cartão. – C2 Que é difícil cortar o cartão. – C3 Que o cartão é duro. – C4 Não aprendi. – C5</p>	<p>Participa pouco – C1 Participa – C2 Participa – C3 Participa – C4 Participa – C5</p>

	<p>- Bolinha verde na visita à feira da escola primária.</p> <p>NÃO ACABAMOS: - Bolinha amarela para a construção do pinheiro. Só recortamos.</p> <p>GOSTAMOS: - De comer pipocas na feira. – C2 - De ir à feira da primária. – C3 - Gostei de fazer o pinheiro. – C4 - De cortar. – C1 - Gostei de ir à feira e de cortar o pinheiro de cartão. – C5</p> <p>NÃO GOSTAMOS: - Gostei de tudo. – C2 - Também gostei de tudo. – C3 - Eu não gosto de pipocas. – C4 - Eu gostei das pipocas. – C1</p>	<p>Pois tem, nós quisemos. – C2 É para encaixar um ao outro. – C4 Adulto: Então como vou fazer? Tens que começar em cima. – C3 E depois fazes um triangulo peueno. – C2 Adulto: Assim? Sim. C2 e C3 Adulto: E agora? Ó carina agora não sabemos mais. – C3 Adulto: então como vou fazer? Tu sabes. – C1 Faz como tu sabes. – C3</p> <p>Agora vamos cortar. – C4 Adulto: Como vão cortar? Com as tesouras. – C3 Adulto: Mas onde vão cortar? Por aqui, por aqui, por aqui (apontando para o contorno do pinheiro). – C3 Adulto- E quem vai cortar? Todos! – C4 Adulto: Todos? Como? Um corta aqui (parte direita em baixo), outro corta aqui (parte esquerda em baixo), outro corta aqui (a maio do pinheiro do lado direito), outro corta aqui (parte de cima do lado direito) e outro corta aqui (parte esquerda em cima). – C3</p>		
--	--	--	--	--

	<p>- Gostei de tudo. – C5</p> <p>COMO FICOU (o pinheiro)</p> <p>- A apresentação do resultado foi através do desenho.</p>	<p>E assim já podemos. – C2</p> <p>O cartão é duro. – C3</p> <p>Pois é. – C1</p> <p>É difícil. – C4</p> <p>É preciso muita força. – C3</p> <p>Pois é. – C4</p> <p>Aqui é mais mole, o cartão está mais para baixo (amaçado). – C2</p> <p>Já cortei metade. – C5</p> <p>Isto é difícil. – C3</p> <p>Não, ó, eu começo daqui e depois corto sempre. – C5</p> <p>Eu vou cortar aqui. – C2</p> <p>Vou deitar isto ao lixo. – C1</p> <p>No coponto azul. – C1</p> <p>E foi lá. – C1</p> <p>Carina, ajuda-me. – C2</p> <p>Adulto: Está bem, eu ajudo.</p> <p>Já é para arrumar, Carina? – C2</p> <p>Adulto: Olha para o relógio</p> <p>Já é para arrumar. – C2</p> <p>Mas, não queremos. – C4</p> <p>Pois não. – C2</p> <p>Queríamos pintar. – C3</p> <p>Mas agora não podemos, temos de ir para casa, não é Carina? – C5</p> <p>Adulto: O que é que vocês acham, a C5 tem ou não razão?</p>		
--	---	--	--	--

			<p>Sim, tem, mas nós queríamos pintar. – C3</p> <p>E pintamos amanhã, não é Carina? – C5</p> <p>Adulto: concordam com o que a C5 disse, pintamos amanhã?</p> <p>Sim! C1, C2 E C4</p> <p>Mas podemos acabar de cortar, já falta pouquinho. – C3</p> <p>Adulto: Se for rápido. Só mais um pouquinho.</p>		
18-11-2014	8ª	<p>O QUE VAMOS FAZER:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pintar o pinheiro. – C4 - Pôr o tronco. – C5 - Pintar o tronco de castanho. – C4 - Prender o pinheiro ao tronco. – C5 - Vamos fazer furos na tampa. – C3 - Para pôr um fio. – C3 <p>O QUE QUEREMOS FAZER:</p>	<p>Eu quero as canetas de feltro, para escrever o meu nome. – C3</p> <p>Agora estou eu. – C5</p> <p>Já está? – C3</p> <p>Ainda não. – C5</p> <p>Agora és tu (C3). – C5</p> <p>O teu nome é maior e está pequenino. – C5</p> <p>Escreve rápido para pintar o pinheiro. – C4</p> <p>Ainda não fizemos (escrevemos o nome) todos, vamos fazer todos. – C3</p> <p>Hoje estamos cinco. – C1</p> <p>E não. – C4</p> <p>Falta o C2. – C4</p> <p>Estamos quatro. – C3</p>	<p>A pintar o pinheiro. – C1</p> <p>Não veio à escola. – C2</p> <p>Que podemos reaproveitar. – C3</p> <p>Pintar todos juntos. – C4</p> <p>Não sei. – C5</p>	<p>Participa pouco – C1</p> <p>Não veio à escola – C2</p> <p>Participa – C3</p> <p>Participa – C4</p> <p>Participa – C5</p>

	<p>- Anjinhos – C4 - Fazer estrelinhas. – C5 - Sinos. – C3 - Bolinhas. – C5 - Asas dos anjinhos. – C4 - Fitas. – C3</p> <p>COMO VAMOS FAZER O TRONCO: - Bidão. – C3 - Tinta. – C4</p> <p>Pegamos no bidão que a Professora (Educadora Cooperante) tinha aqui (na sala). Ela reaproveito-o e tinha cola, porque colava. Pintamos de castanho. C2, C3, C4 e C5.</p> <p>GOSTAMOS: - Gostei de pintar com os pinceis. – C1 - Gostei de fazer o pinheiro e o tronco. – C1</p>	<p>Nós somos cinco, com a Carina faz seis. – C5 Estamos quatro meninos, porque o C2 foi à terapia. – C3 Já assinamos todos. – C3 Adulto: O que vamos fazer agora? Pintar o pinheiro. – C4 Eu vou buscá-los. – C4 Trazes um e eu trago outro. – C3 Nós esperamos aqui. – C5 Põe aqui (em cima da mesa). – C1 Adulto: Como vamos fazer? Pode ser dois meninos num pinheiro e os outros dois noutro. – C3 Adulto: E porque é dois meninos para cada pinheiro? Porque somos quatro e dá. – C3 Pode ser eu e o C4 ficamos com um, e a C5 e o C1 ficam com outro. – C3 Adulto: C3? Sim! C5, C1 e C4 Nós ficamos com este e vocês com o de baixo. – C3 Vamos pintar os dois. – C1 Não, Carina, os dois não cabem. – C3 Adulto: Não cabem onde? Aqui (em cima da mesa). – C5 Adulto: Então, Como vamos fazer? Pintamos um de cada vez. – C4</p>		
--	---	---	--	--

		<p>- Gostei de pintar com os dois pinceis, gostei de pintar o pinheiro, gostei de fazer os nomes aqui (aponta para o nome dele na planificação), gostei de deitar a tinta, quando não tinha tinta. – C3</p> <p>- Gostei de pintar o pinheiro, gostei de pinta o tronco, gostei de tudo. – C4</p> <p>- Gostei de tudo. – C5</p> <p>NÃO GOSTEI:</p> <p>- De fazer o nome das presenças. – C1</p> <p>- Gostei de tudo. – C3</p> <p>- Gostei de tudo. – C4</p> <p>- Não gostei que o Joaquim me pintasse a mão. – C5</p>	<p>Primeiro pintamos um e depois pintamos outro. – C5</p> <p>Adulto: Como?</p> <p>Eu e o C3 pintamos aqui (aponta para um dos lados) e a C5 e o C1 pintam do outro lado. – C4</p> <p>Podemos tentar? – C3</p> <p>Sim! – C4</p> <p>Eu pinto aqui. – C5</p> <p>E eu aqui. – C1</p> <p>C4, vem para este lado, somos aqui. – C3</p> <p>Eu vou buscar a tinta. – C4</p> <p>E traz dois copos. – C5</p> <p>Adulto: Para que são os dois copos?</p> <p>Um para mim e para o C1, outro para eles. – C5</p> <p>Esta tinta não chega. – C4</p> <p>Vou buscar mais. – C3</p> <p>Vou abrir a tampa. – C3</p> <p>Também, vou abrir esta. – C4</p> <p>Agora fecha. – C4</p> <p>Vou por a tinta aqui (em cima do armário), ainda podemos precisar. – C3</p> <p>Isto é divertido. – C3</p> <p>Faltam as revistas. – C4</p> <p>Adulto: Para que são as revistas?</p> <p>Para pôr em cima da mesa, para não sujar. – C4</p>		
--	--	---	--	--	--

			<p>Eu chego-lhe. – C5 Olha para aqui, já pintei isto tudo. – C4 E eu isto. – C1 Já está! – C3 Ainda não, é preciso espalhar bem a tinta, ó C3. – C5 Já não tenho mais tinta. – C3 A minha, também, está a acabar. – C5 Eu vou buscar mais. – C3 Eu vou reparar bem o copo. – C5 Olha para as minhas mãos estão verdes. – C3 E as minhas. – C4 Já pintei o cabelo. – C5 Se eu sabia tinha dito à minha mãe para mo ter amarrado. – C5 Já está! – C2 Agora tem que secar. – C3 Adulto: Onde o vamos por a secar? No aquecedor. – C4 Adulto: Em cima do aquecedor? Não. – C1 Adulto: Porquê? Porque queima. – C1 Adulto: Muito bem! Então, onde vamos pôr? Encostado. – C5 Adulto: Ao aquecedor? Não. – C5</p>		
--	--	--	---	--	--

			<p>Adulto: Então?</p> <p>Podemos encostar ao sofá da biblioteca, que assim não queima.- C4</p> <p>Pois é. – C3</p> <p>Adulto: Concordam ?</p> <p>Sim. – C4, C3 e C1 e C5</p> <p>Eu levo. – C1</p> <p>Eu ajudo. – C3</p> <p>Eu, também, ajudo. – C5</p> <p>Eu também quero. – C4</p> <p>Eu seguro aqui. – C5</p> <p>Eu seguro deste lado. – C4</p> <p>Agora vamos pintar o outro. – C3</p> <p>A C5 pintou a testa. – C3</p> <p>Mas, já limpei. – C5</p> <p>Até pintou o cabelo. – C1</p> <p>Pois foi. – C1</p> <p>Nós não pintamos, porque não temos o cabelo até atrás. – C1</p> <p>O nosso é pequenino. – C3</p> <p>Mas o menino que foi para a primária tinha o cabelo grande. – C5</p> <p>E o C9 também tinha. – C5</p> <p>Há homens que têm. – C4</p> <p>Ó C3 olha a tinta levantada. – C5</p> <p>Espalha bem a tinta. – C5</p> <p>Olha aqui. – C1</p> <p>Vai para o teu lado. – C5</p> <p>Já acabei. – C5</p>		
--	--	--	--	--	--

			<p>Já está. – C4 Onde vamos por a secar? – C3 Aqui já está. – C3 Podemos encostar ao armário que também dá. C4 Agora falta o tronco. – C4 Mas tem de ser de tarde, porque está na hora de ir almoçar, olha para ali (relógio). – C5</p> <p>Adulto: O que está planeado fazer agora? O tronco. – C3 Adulto: O tronco para quê? O tronco para o pinheiro. – C5 Adulto: E como Vamos fazer o tronco? Com uma caixa que está ali. – C3 Eu vou buscar. – C3 Adulto: É esse bidão? Sim. – C3 Adulto: E de quem é esse bidão? É da professora. – C3 Adulto: Então temos que lhe pedir. Eu vou pedir. – C3 - Professora, podemos usar isto (mostra um bidão)? – C3 - E para que querem isso? – Educadora - É para fazer o tronco, para o</p>		
--	--	--	--	--	--

			<p>pinheirinho. – C3</p> <p>- E, de que cor é o tronco? – Educadora</p> <p>- É castanho. – C3</p> <p>- Podemos? – C3</p> <p>- Podem. – Educadora</p> <p>Carina., podemos. – C3</p> <p>Adulto: pode ser isto?</p> <p>Sim! – C5, C4 e C1</p> <p>Isto cola, aqui (à volta do bidão) – C3</p> <p>Pois cola, Carina. – C4</p> <p>Adulto: Sabem porque cola?</p> <p>Não! C1, C3, C4 e C5</p> <p>Adulto: Porque a professora tirou o rótulo que tinha aqui à volta.</p> <p>Deixa-me ver. – C1</p> <p>Adulto: E como vamos fazer?</p> <p>Eu quero pintar. – C2</p> <p>Eu quero pintar – C1</p> <p>Eu quero pintar. – C5</p> <p>Eu quero colar papelinhos. – C4</p> <p>Adulto: Então vamos a votação.</p>		
19-11-2014	9 ^a	<p>O QUE VAMOS FAZER:</p> <p>- Os anjinhos. – C5</p> <p>- Os sinos. – C4</p> <p>- As bolas. – C2</p> <p>- As fitas. – C5</p> <p>- Amarrar o pinheiro</p>	<p>Adulto: O que vamos planificar hoje?</p> <p>Queremos fazer os enfeites. – C4</p> <p>Adulto: Enfeites? De quê?</p> <p>São os enfeites de natal. – C4</p> <p>Adulto: E para que são os enfeites?</p> <p>Para pôr no pinheirinho. – C5</p> <p>Eu quero fazer os anjinhos. – C5</p>	<p>Não veio à escola. – C1</p> <p>Que podemos fazer bolas com cápsulas do café. – C2</p> <p>Não veio à escola.</p>	<p>Não veio à escola – C1</p> <p>Participa – C2</p> <p>Não veio à escola – C3</p> <p>Participa – C4</p> <p>Participa – C5</p>

	<p>ao tronco. – C2</p> <p>O QUE QUEREMOS FAZER: - Pôr no pinheiro as coisas (enfeites). – C4, C5 e C2</p> <p>FIZEMOS: - Colocamos uma bolinha verde nos anjinhos, nos sinos, nas bolas e no amarrar o pinheiro ao tronco.</p> <p>NÃO FIZEMOS: - Colocamos uma bolinha vermelha nas fitas.</p> <p>QUE MATERIAL VAMOS PRECISAR: - Canetas. – C5 - Papel colorido. – C5 - Bolas de plástico. – C4 - Tampinhas de café (cápsulas de café). – C4 - Fios de lã. – C4</p>	<p>Eu quero fazer os sinos. – C4 Eu quero fazer as bolinhas. – C2 Adulto: Como vão fazer? Eu quero aquilo do café. – C4 Adulto: Como se chama aquilo do café? Não sei, mas a professora tem ali (aponta para o sitio onde está guardado o material que podemos aproveitar). – C4 São cápsulas de café. – C5 A minha mãe tem. – C2 A minha também tem. – C5 Eu também quero isso. – C2 Adulto: O quê? As cápsulas de café. – C2 Adulto: E o que vais fazer com elas? Eu quero polas assim (desenha na mesa a forma de um circulo) – C2 Adulto: E como as vais por assim? A minha mãe já pôs com um martelo. – C2 Com um martelo? – C5 Sim. Ela bateu com o martelo em cima. – C2 Adulto: Onde vais buscar o martelo? A professora tem ali, naquela porta. – C2 Adulto: Ai tem? Tem, mas tenho que ir pedir. – C2 Adulto: Porque tens de ir pedir? Porque o martelo é perigoso. – C2 Adulto: Ahh, muito bem! Eu quero das outras cápsulas. – C5 Adulto: não são todas iguais, as cápsulas?</p>	<p>– C3 Que podemos utilizar material de desperdicio. – C4 Podemos utilizar cápsulas de café para fazer anjinhos para pôr no pinheirinho. – C5</p>	
--	--	--	--	--

	<p>- Argolas de cartão. – C5</p> <p>- Bolinhas pequeninas. – C2</p> <p>- Fitas. – C2</p> <p>- Aquilo do gelado (Copo do gelado Epá). – C4</p> <p>- Cola. – C2</p> <p>- Brilhantes. – C5</p> <p>- Tesoura. – C4</p> <p>- Arame. – C5</p> <p>- Coisas fofinhos para as asas (algodão). – C4</p> <p>VAMOS DIVIDIR AS TAREFAS:</p> <p>- Sinos. – C4</p> <p>- Anjos. – C5</p> <p>- Bolinhas. – C3</p> <p>- Amarrar o pinheiro. – C4, C5 e C2.</p> <p>GOSTAMOS:</p> <p>- Gostei de fazer as bolinhas. – C2</p> <p>- Gostei de fazer os anjinhos. – C5</p> <p>- Gostei de fazer os</p>	<p>Não, umas são pequeninas e as outras são maiores. – C5</p> <p>Adulto: Que cápsulas queres?</p> <p>Queros as grandes. – C5</p> <p>Eu vou martelar aqui (na manta da pista) – C2</p> <p>Adulto: Porque vais martelar aí?</p> <p>Porque na mesa faz muito barulho. – C2</p> <p>Adulto: Ahh, bem pensado!</p> <p>Eu quero estas bolinhas pequeninas. – C5</p> <p>Adulto: E para que as queres?</p> <p>Porque se puser aqui é a cabeça do anjo. – C5</p> <p>Mas é transparente. – C4</p> <p>Eu vou posso por papel lá dentro. – C5</p> <p>Eu vou furar aqui com isto (pico) para por este fio (aramé)</p> <p>Olha, agora vou cortar aqui. – C4</p> <p>Eu vou por papel na bolinha. – C5</p> <p>Eu já acabei. – C2</p> <p>Agora tens que por uma coisa para pendurar. – C5</p> <p>Pões um fio. – C4</p> <p>Olha para mim, C2, eu estou a por disto (lã). – C5</p> <p>Adulto: Como estás a fazer, C5?</p> <p>Abro a bolinha e depois ponho o fio assim (as duas pontas do fio dentro da</p>		
--	---	---	--	--

		<p>sininhos. – C4</p> <p>NÃO GOSTAMOS: - Gostei de tudo. – C2 - Também gostei de tudo. – C5 - Gostei de tudo. – C4</p> <p>COMO FICOU - A apresentação do resultado foi através do desenho.</p>	<p>bola), agora fecho. Já está! Vês. – C5</p> <p>Adulto: Muito bem!</p> <p>E porque é que pões esse fio?</p> <p>Para pendurar no pinheiro. – C5</p> <p>Olha, parece uma bola do pinheirinho. – C2</p> <p>Não! É a cabeça para o meu anjinho. – C5</p> <p>Mas parece. – C4</p> <p>Pois parece. – C2</p> <p>A seguir vou fazer.- C2</p> <p>Adulto: E agora o que vais fazer?</p> <p>Não sei. – C2</p> <p>Ai não sabes? Tens que por o fio para pendurar. – C5</p> <p>E como? o circulo não dá para abrir. – C2</p> <p>Faz um furo com o pico, como eu. – C4</p> <p>Adulto: Como estás a fazer, C4?</p> <p>Eu furo assim (pega no pico e fura a parte de cima da cápsula de café).</p> <p>Adulto: e porque é que furas?</p> <p>Porque não tem buraquinho para pôr isto (arame) – C4</p> <p>Adulto: E porque é que precisas de pôr isso?</p> <p>Para fazer assim (faz um torcido em cima), para pendurar. – C4</p>		
--	--	--	--	--	--

			<p>Adulto: Mas na parte de baixo da cápsula de café o arame esrá grande, porquê? É para por a bolinha. Adulto: Ahh, Bem pensado!</p> <p>Adulto: O que é isso, C4? É lantejolas, e tem muitas cores, olha. – C4 Adulto: E para que são? São para por aqui (parte de baixo da cápsula) – C4 Adulto: Porquê? Para ficar como os sinos de natal. – C4 Eu também estou a pôr aqui (asas do anjo). – C2 Adulto: Porquê? Porque o dourado é a cor dos anjos, a minha mãe já me disse. – C2 Adulto: E são só dourados? Não, posso pôr outras cores. E vou pôr. – C2 Adulto: Ahh Podes pôr disto, C2 (brilhantes) – C4 Eu pus, olha. – C4 Eu também vou pôr. – C5 Fica bonito. – C5 Pois fica. – C4</p>		
--	--	--	--	--	--

			<p>Adulto: Estou encantada com os vossos trabalhos</p> <p>Adulto: Gostas de planificar? Porquê?</p> <p>Gosto. Porque aqui (aponta para a planificação) fica tudo o que nós fazemos e podemos ver. – C4</p> <p>Gosto, porque é divertido. – C3</p> <p>Sim. Porque gostei de tudo. – C1</p> <p>Sim, porque podia ir buscar as coisas que precisava. – C5</p> <p>Gosto. Porque nós é que dizíamos o que fazíamos e ajudávamos os colegas. – C2</p>		
--	--	--	---	--	--

Apêndice 2- Planificação da investigadora

Educadora estagiária: Carina Teixeira

Sala: A Datas: 5 de novembro

Intencionalidade educativa: Lenda de S. Martinho – Boas ações

Educadora cooperante

Tema do projeto de sala:

Rotina Diária		
Rotina	Competências	Áreas de conteúdo/ Domínio
9h15 - sala do prolongamento (atividades de intercâmbio e convívio entre as crianças das 3 salas) 9h30 - acolhimento em grande grupo - nomeação do/a chefe (responsável) - marcação das presenças - mencionam o dia da semana - preenchimento do calendário - preenchimento do quadro do tempo - canção dos bons dias 9h55 - Higiene pessoal - formam um comboio para irem ao wc 10h00 – lanche da manhã 10h30 - Atividades de projeto e atividades livres	 - Falar num grupo que lhe é familiar - Nomear o chefe (responsável) - Preencher quadro das presenças - Marcar as presenças sozinhos (os mais pequenos têm a ajuda do chefe ou da educadora estagiária) - Contar as novidades - Preencher o calendário e o quadro do tempo - Falar sobre o tempo - Dizer a data através do calendário - Cantar os bons dias - Participar em atividades orientadas pelos adultos - Participar na planificação de atividades de	CONHECIMENTO DO MUNDO Domínio: Localização no espaço e no tempo Meta: 1,8 Domínio: Conhecimento do ambiente natural e social Meta: 12,28,30 Domínio: Dinamismo das inter-relações natural-social Meta:34 EXPRESSÕES Domínio: Exp. Dramática/ teatro – desenvolvimento da capacidade de exp. e com. Subdomínio: experimentação e criação /

<p>nas áreas</p> <p>12h00 – Higiene pessoal</p> <p>12h15 – Almoço</p> <p>15h00 – arrumação da sala</p> <p>15h20 – Vestir os casacos - preparar a ida para casa</p>	<p>projeto</p> <ul style="list-style-type: none"> - Organizar a atividade livre nas áreas - Cooperar com os colegas nas atividades livres - Utilizar o faz-de-conta nas atividades livres - Respeitar os espaços na sala - Respeitar os colegas - Arrumar os materiais 	<p>fruição e análise</p> <p>Meta: 10,11,12,</p> <p>Domínio: Exp. Dramática / teatro – desenvolvimento da criatividade</p> <p>Subdomínio: Experimentação e criação / fruição e análise</p> <p>Meta: 13,14,15</p> <p>Domínio: Exp. Dramática/teatro – aprop. Linguagem elementar da exp. dramática</p> <p>Subdomínio: experimentação e criação/fruição e análise</p> <p>Meta: 20,22</p> <p>Domínio: Exp. musical – desenvolvimento da capacidade de exp. e com.</p> <p>Subdomínio: interpretação e comunicação</p> <p>Meta:27,</p> <p>Domínio: exp. musical – compreensão das artes no contexto</p> <p>Subdomínio: culturas musicais nos contextos</p>
--	--	--

		<p>Meta: 40</p> <p>FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL</p> <p>Domínio: Identidade/ autoestima</p> <p>Meta: 2,3,4</p> <p>Domínio: Independência/autonomia</p> <p>Meta: 5,6,7,8,9,10,11,13,14</p> <p>Domínio: Cooperação</p> <p>Meta: 16,17,18,19,20,21,22</p> <p>Domínio: Convivência democrática / Cidadania</p> <p>Meta: 23,24,25</p> <p>LINGUAGEM ORAL E ABORDAGEM À ESCRITA</p> <p>Domínio: reconhecimento e escrita da palavra</p> <p>Meta: 8,9,11,12,13</p> <p>Domínio: Conhecimento das convenções gráficas</p>
--	--	---



		<p>Meta: 15,16,18,22,23,24,</p> <p>Domínio: compreensão de discursos orais e interação verbal</p> <p>Meta: 26,27,28,29,31,32,35</p> <p>MATEMÁTICA</p> <p>Domínio: Números e operações</p> <p>Meta: 3, 6, 7, 9,13,14</p> <p>Domínio: Geometria e medida</p> <p>Meta: 22, 23,26,28,29</p>
--	--	--

Apêndice 3 – Planificações realizadas pelas crianças

Planificação 1

Planificação do dia

5 1 1 1 1 1 1

O que vamos fazer	O que queremos
<p>fazer a castanha - fzuo</p> <p>JOAQU 1 1 1</p> 	<p>fazer as personagens história que ouvimos fzuo</p> <p>Não sabemos vamos</p>
<p>queremos pinta-la com café - MARIA L fzuo</p> 	
<p>VITOR</p> <p>01060 SA</p>	

Planificação 2

Planificação do dia


7-11-14

o que vamos fazer o que queremos fazer

fazer uma lagarta com os números.

vamos contar a história de J. Martinho - a seguir ao almoço. As outras salas. Todos juntos na sala do prolongamento

- Cantar aos meninos, contar o J. Martinho •
- Dar o coração aos meninos, que fizemos anteriormente. •
- fazer o convite, mas vamos nós o sala •

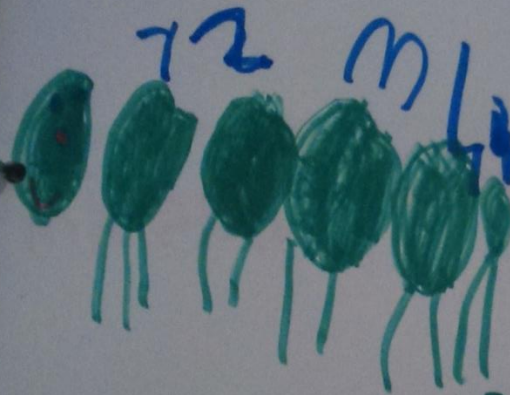



A TELEVISÃO da História

Não acabamos

Planificação 3



A planificação do dia
10/11/14

O que vamos fazer	O que queremos fazer
- Acabar a lagartinha dos rânulas	- Fazer o registo de I. Rachito - fazer um novo folha grande
 <p>Figuras</p>	 <p>Figuras</p>

Planificação 4



Planificação do dia

12-11-14

O que vamos fazer	O que queremos fazer
<p>O registo dos soldados que vimos com a professora ontem</p> 	<p>- registo de comer castanhas</p> <p>Agosto.</p> 

Planificação do dia




14-11-14

O que vamos fazer	O que queremos fazer
<p>vamos fazer o registo de ontem, da feirinha do outono. Aqui na escola. De manhã fazemos o registo</p>	<p>Ver o pinheiro, para ver o que é a Caluma, que não sabemos. Não sabemos onde é. É a árvore que dá as pinhas. A seguir ao almoço vamos ver os pinheiros.</p>
 <p>• fazemos</p>	<p>• Não fazemos porque estava a chover e a kolefar</p> 

Planificação 6

Planificação do dia

~~17-11-14~~ 17-11-14

O que vamos fazer	O que queremos fazer
<p>Ver a feirinha da escola primária</p>   <p>feirinha</p>	<p>* Queremos fazer um pinheiro em cartão</p>  <p>● Não acabamos, só recortamos</p>
<h3>Gostamos</h3> <p>comer pipocas na feira - Dinis ir à feira da primária - Joaquim fazer o pinheiro - Diogo cartão - Vitor ir de ir à feira e de cartão o pinheiro de cartão - Leonor</p>	<h3>Não gostamos</h3> <ul style="list-style-type: none">- gostei de tudo - Dinis- também gostei de tudo - Joaquim- eu não gosto de pipocas - Diogo- eu gostei das pipocas - Vitor- Gostei de tudo - Leonor

Planificação 7

Planificação de dia

18-11-14

<h2 style="color: purple;">O que vamos fazer</h2> <ul style="list-style-type: none"> ● Pintar o pinheiro - 01060 ● Por o tronco - LEONOR ● Pintar o tronco castanho - 01060 ● Prender o pinheiro ao tronco - LEONOR ● Vamos fazer feios na tampa - LOA ● Pinta por um fio - LOA <p>● = 2 ● = 4</p> <p>● FIZEMOS ● NÃO FIZEMOS</p>	<h2 style="color: brown;">O que não vamos fazer</h2> <ul style="list-style-type: none"> ● o anjinho - 01060 ● fazer estrelinhas - LEONOR ● lines - JOAQUIM ● bolinhas - LEONOR ● as asas dos anjinhos - 01060 ● ftas - JOAQUIM ● fazemos amanhã ● 6 - 6 ● Ainda vamos fazer
<h2 style="color: purple;">Gostamos</h2> <p>Gostei de pintar com os pinéis - VITO</p> <p>Gostei de fazer o pinheiro e o tronco - VITO</p> <p>Gostei de pintar com os dois pinéis, gostei de pintar o pinheiro, gostei de fazer os nomes aqui, gostei de deixar a tinta quando não tinha tinta - LOAQUIM</p> <p>Gostei de pintar o pinheiro, gostei de pintar tronco, gostei de tudo - 01060</p> <p>Gostei de pintar o pinheiro, gostei de pintar o tronco, gostei de tudo - LEONOR</p>	<h2 style="color: purple;">Não gostamos</h2> <p>Não gostei de fazer o nome nas presenças - VITO</p> <p>Gostei de tudo - LOAQUIM</p> <p>Gostei de tudo - 01060</p> <p>Não gostei que o Joaquim me pintasse a mão - LEONOR</p>

Planificação do dia

19-11-14 29-11-14

O que vamos fazer	O que queremos fazer
<ul style="list-style-type: none"> • as anfinhos - LEONOR • os sinos - OI060 • as bolas - OI060 • as fitas - OI060 • amarece o pinheiro ao tranco. 	<ul style="list-style-type: none"> • por no pinheiro as coisas
<p>OI060</p> <p>• = 5 • = 1</p> <ul style="list-style-type: none"> • fizes • não fizes 	<p>OI060 LEONOR OI060</p>
Gostamos	Não gostamos
<p>Gostei de fazer as bolinhas</p> <p>Gostei de fazer os anfinhos</p> <p>Gostei de fazer os sininhos</p> <p>OI060</p>	<p>Gostei de tudo</p> <p>também gostei de tudo</p> <p>gostei de tudo OI060</p>

Apêndice 4 – Registos de aprendizagem

Registos das aprendizagens




Nome: **VITOR**
 Data: **20/05/2020**

Smiles			
Data	Apreendi	Apreendi pouco	Não aprendi
2	<input checked="" type="checkbox"/> Vou sei	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5	<input checked="" type="checkbox"/> a pintar a castanha	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7	<input checked="" type="checkbox"/> a fazer os números	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10	<input checked="" type="checkbox"/> a cantar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11	<input checked="" type="checkbox"/> Apreendi a assar castanhas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14	<input checked="" type="checkbox"/> Apreendi a fazer a feijinha	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17	<input checked="" type="checkbox"/> aprendi a fazer o pinheiro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18	<input checked="" type="checkbox"/> a pintar o pinheiro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19	Não veio à escola		

Registos das aprendizagens

Nome: LEOPOLD

Data: NOVEMBRO

Smiles			
Data	Apreendi	Apreendi pouco	Não aprendi
5-11-14	<input checked="" type="checkbox"/> que devemos ajudar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6-11-14	<input checked="" type="checkbox"/> que podemos fazer trabalhos com cones	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7-11-14	<input checked="" type="checkbox"/> aprendi a fazer os nêguas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10-11-14	<input checked="" type="checkbox"/> Não podemos todos os meses fazer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12-11-14	<input checked="" type="checkbox"/> Como se assa as castanhas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14-11-14	<input checked="" type="checkbox"/> Aprendi a fazer as mesas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17-11-14	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
18-11-14	<input checked="" type="checkbox"/> Não sei	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19-11-14	<input checked="" type="checkbox"/> podemos utilizar cápsulas de café para fazer anfinhas para por no pinheirinho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Registos das aprendizagens



Nome: 01060

Data: NOVEMBRO 2

Smiles			
Data	Apreendi	Apreendi pouco	Não aprendi
2	<input checked="" type="checkbox"/> Apreendi a cantar a história	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3	<input checked="" type="checkbox"/> que o Café também dá para fazer trabalhos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7	<input checked="" type="checkbox"/> a por os números na lagartixa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10	<input checked="" type="checkbox"/> fazer o registo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12	<input checked="" type="checkbox"/> que os soldados não eram iguais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14	<input checked="" type="checkbox"/> que não podíamos sair do comboio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17	<input checked="" type="checkbox"/> que o Cartão é duro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18	<input checked="" type="checkbox"/> pintar todos juntos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19	<input checked="" type="checkbox"/> que podíamos realizar um festival de despedidas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Registos das aprendizagens

Nome: Lara
 Data: NUM 20

Smiles			
Data	Aprender	Aprender pouco	Não aprendi
7	<input checked="" type="checkbox"/> que devemos partilhar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6	<input checked="" type="checkbox"/> Não sei	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7	<input checked="" type="checkbox"/> é preciso conhecer os amigos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10	<input type="checkbox"/> Aplodi a descaça (casteulas)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3	<input type="checkbox"/> Não sei	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17	<input checked="" type="checkbox"/> que é difícil com o cartão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18	<input checked="" type="checkbox"/> que podemos respeitar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19	<input type="checkbox"/>	Não veio a escola	

Registos das aprendizagens

Nome:

GINIS NOUENOR

Data:

Smiles Data	 Apreendi	 Apreendi pouco	 Não aprendi
2	<input checked="" type="checkbox"/> que há boas ações	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6	<input checked="" type="checkbox"/> a pintar cores o café	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7	<input checked="" type="checkbox"/> que cozei as caixas dos ovos fezeiros trabalhos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10	<input checked="" type="checkbox"/> Poderão trabalhar todos no mesmo papel	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15	<input checked="" type="checkbox"/> a descascar as Castanhas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14	<input checked="" type="checkbox"/> poderão trabalhar todos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17	<input checked="" type="checkbox"/> a cortar o cartão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18	Não veio à escola		
19	<input checked="" type="checkbox"/> que poderão fazer bolas com cápsulas do café	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Apêndice 5 – Grelha de observação da participação

PARTICIPAÇÃO NA PLANIFICAÇÃO

CRIANÇAS DIAS	C1	C2	C3	C4	C5
5-11-14					
6-11-14					
7-11-14					
10-11-14					
12-11-14					
14-11-14					
17-11-14					
18-11-14					
19-11-14					

Legenda:

Participa		Quando dá muitas sugestões na planificação
Participa pouco		Quando dá poucas sugestões na planificação
Participa pouquíssimo		Quando dá apenas ou duas sugestões na planificação
Não participa		Quando não dá nenhuma sugestão na planificação
Não esteve presente		Quando não está presente no momento de planificar

Apêndice 6 – Reflexões da Prática Pedagógica

Reflexão 1

REFLEXÃO DA 1ª SEMANA DE INTERVENÇÃO

(dias 5, 6 e 7 de novembro de 2014)

Esta semana foi muito importante para mim. Embora estagiária assumi o papel de educadora, que segundo o Decreto-Lei n.º214/2001¹, de 30 de agosto, no Perfil de Desempenho Profissional do Educador de Infância, “avalia, numa perspectiva formativa, a sua intervenção, o ambiente e os processos educativos adoptados, bem como o desenvolvimento de cada criança e do grupo”.

A autora Silva (1997, pp. 81 e 82) defende que o Educador

“escolhe criteriosamente quais os assuntos que merecem maior desenvolvimento, interrogando-se sobre a sua pertinência, as suas possibilidades educativas, a sua articulação com os outros saberes e as possibilidades de alargar os interesses do grupo e de cada criança”.

E que ainda é responsável por “Estimular o desenvolvimento global da criança, no respeito pelas suas características individuais, desenvolvimento que implica favorecer aprendizagens significativas e diferenciadas”.

Relativamente à minha prática, as crianças têm um papel ativo no seu processo de aprendizagem, pois é incitado a colocar dúvidas, a investigar e a sociabilizar, desenvolvendo assim o seu conhecimento. Aqui, a estagiária apenas orienta e observa os comportamentos das crianças, para estas desenvolvam a criatividade, a sociabilidade e a autonomia.

Esta semana, executei as minhas intervenções, porém, não foi o meu primeiro contato com as crianças, pois já havia interagido com elas no momento de observação e de cooperação, o que, de certo modo, foi benéfico.

As crianças planificam o seu dia, tendo como objetivo o desenvolvimento do bem-estar e da aprendizagem do educando.

Varela² (2010) define que é necessária uma planificação feita com a ajuda dos alunos, onde as atividades estão dispostas de modo a beneficiar a pintura, a modelagem, o contar histórias e o brincar ao faz de conta.

¹ <http://www.spn.pt/?aba=27&cat=14&doc=333> consultado em 8-11-2014.

² <http://repositorio.utad.pt/handle/10348/550> consultado em 8-11-2014.

As crianças têm que aprender a planificar por elas próprias, dado que é a partir da planificação que elas possuem um sentido de orientação sobre o que fizeram, o que falta fazer e o que farão a seguir e, conseqüentemente, aprendem a tomar decisões. O momento de planificar é importante, já que conforme alude Oliveira-Formosinho (2011:77) “a planificação cria um momento em que as crianças têm direito de se escutar a si próprias para definir as suas intenções e para escutar as intenções dos outros”.

Ensinar a planificar é dar voz às crianças, visto que esta pode ouvir, comunicar e refletir sobre as atividades que deseja desenvolver. Como especifica Oliveira-Formosinho (2011:77), “O papel do adulto é criar espaço para que a criança se escute a si própria e comunique essa escuta – planificar é dar à criança poder para se escutar e para comunicar a escuta, para fazer planificações como forma refletida de iniciar a acção”.

A atividade de planificar, para as crianças, não era, de todo, desconhecida, uma vez que no ano anterior desenvolvi atividades nesses padrões, o que se verificou quando as crianças iam verbalizando o que queriam fazer, pois, demonstraram que tinham adquirido a noção de que não podiam querer fazer várias coisas, porque não tinham tempo para as executar.

BIBLIOGRAFIA

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. (Org.). (2011). *O espaço e o tempo na pedagogia-em-participação*. Porto: Porto Editora.

SILVA, M. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

WEBGRAFIA

VARELA, H. (2010). *À procura de uma identidade: Modelos pedagógicos e curriculares em educação de infância*, consultado em 8-11-2014, retirado de <http://repositorio.utad.pt/handle/10348/550>.

LEGISLAÇÃO

Decreto-Lei n.º214/2001, de 30 de agosto - Perfil de Desempenho Profissional do Educador de Infância. Consultado em 8-11-14, retirado de <http://www.spn.pt/?aba=27&cat=14&doc=333>

Reflexão 2

REFLEXÃO DA 2ª SEMANA DE INTERVENÇÃO

(dias 10, 12 e 14 de novembro de 2014)

Para Esteves (2005, p.11) “o educador desempenha um papel muito importante na vida das crianças. É com este que elas passam grande parte do seu tempo”, portanto, compete-lhe torná-lo num tempo de qualidade.

Na prática desta semana as crianças demonstraram mais autonomia e mais confiança no trabalho que elas próprias desenvolveram.

Respeitaram de uma forma, mais, ordenada a vez de cada uma criança falar, tal como explicou Oliveira-Formosinho (2011, p.77), “A criança que se escuta cria *habitus* de definir intencionalidades e propósitos e de tomar decisões”.

À medida que as atividades iam decorrendo, a vontade começou a ser cada vez maior e o feedback das crianças era cada vez mais positivo e isso entusiasmava-me e entusiasmava-as, dando-nos vontade de continuar.

Senti que a semana passou muito depressa, talvez por estar a fazer uma coisa que realmente gosto.

As atividades foram do total interesse das crianças, uma vez que elas demonstravam muito entusiasmo na realização das tarefas por elas propostas. Oliveira-Formosinho (2011, p.100), declara que “A motivação para a aprendizagem sustenta-se no interesse intrínseco da tarefa e nas motivações intrínsecas das crianças”.

Detetei que a área da expressão plástica é a área preferida das crianças. Tudo que tenha a ver com colar, pintar e construir, é sem dúvida um momento de prazer experienciado por elas.

O facto de estarem sensibilizados para o uso de material de desperdício é sempre vantajoso ver as crianças optarem por esse tipo de material e não outro.

BIBLIOGRAFIA

ESTEVES, S. (2005). *A afectividade e a relação pedagógica – Como é que nos conseguimos esquecer de algo tão fundamental como os afectos!*. Cadernos de Educação de Infância nº 73, APEI, março, pp. 11-12.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. (Org.). (2011). *O espaço e o tempo na pedagogia-em-participação*. Porto: Porto Editora.

